

Cada numero contém sempre uma obra completa



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta ~ ~

A ENCARCERADA

N.º 50



Já nos vamos certificar disso, respondeu o dono do castelo tirando
o revolver e apontando-o á cabeça do policia

EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL
RUA DA ERA, 17 — LISBOA

Esc. 1\$00

A ENCARCERADA

Um pai em cuidados

—Harry,—disse Sherlock Holmes que folheava a lista negligentemente do Lloyd mais recente, de navios entrados,—não é hoje o aniversario de Milster Castle?

Harry Taxon dirigiu-se logo para a mesa onde estava um caderno, em que o celebre policia costumava inscrever cuidadosamente todos os factos notaveis.

—Tem razão, sr. Holmes, respondeu êle. Foi uma bela coisa poder-se desmascarar o fantasma, apezar de lhe ter quasi custado a vida.

—Sim respondeu Holmes, a coisa era perigosa, mas ao mesmo tempo interessante. Era tempo de nos apparecer uma occasião semelhante para distrair um pouco o nosso espirito.

—Escute, exclamou de repente Harry Taxon, olhando atentamente para o corredor donde vinha o barulho de passos apressados—O seu desejo, sr. Holmes, parece-me que se realisa.

Na realidade, neste momento batiam á porta, e depois de Harry a ter aberto, entrou um homem robusto, trazendo na mão uma mala.

A sua fisionomia exprimia uma certa desconfiança, quando examinou com olhos perscrutadores o policia.

—Well, homem, disse êle depois de ter posto sem cerimonia a mala no chão, e o chapêu em cima dela. «O senhor é então o celebre policia Sherlock Holmes?»

Holmes não respondeu palavra. Também não se incomodou no arranjo do seu cachimbo, e apenas de vez em quando deitou um olhar furtivo ao estranho homem e aos objectos que trazia.

Como este se principiasse a aborrecer, assentou-se, sem pedir licença.

—Não parece ter muita pressa, disse êle depois indignado, venho de mais de 1000 leguas longe para lhe falar, e agora...

—E agora, repetiu o policia, está indeciso se va-

le apenas confirmar-me a sua incumbencia para a averiguação ácerca da jovem senhora.

—Goddam!—exclamou êle com admiração sincera. —O senhor é uma rapoza sabida, e portanto desceria bem saber quem lhe denunciou o meu segredo.

Segredo, julga o senhor, respondeu sorrindo Sherlock Holmes, sim, sr. Maddison, era preciso que não agarrasse tão convulsivamente no retrato dessa senhora. O senhor é de certo sr. Maddison, de Melbourne, que chegou hoje no paquete *Thetis*?

De vagarinho, tinha-se o velho levantado, e recuou, fixando o seu interlocutor com verdadeiro pasmio.

—Que o diabo me leve,—murmurou êle, como se falasse consigo mesmo —se eu percebo como este homem poud saber tudo isto.

—Oh! muito simplesmente,—respondeu Sherlock Holmes acendendo o seu cachimbo—na lista dos navios, que ha poucos minutos consultei, vi os nomes dos navios cuja chegada era hoje esperada. Como no seu chapêu está a firma de um fabricante de Melbourne só poderia ter chegado neste vapor, o unico erperado da Austria. Na sua mala, escreveu o agente do navio, para marcar as bagagens, o nome Maddison, e tenho a certeza que é esse o seu nome.

—Com os demonios, exclamou o australiano, com olhos espantados, depois de se ter sentado outra vez.

—O senhor é o homem que eu procuro. Não duvido nem um momento que o senhor levará a bom fim o meu caso. Trata-se...

—Da sua filha, continuou Holmes tranquilamente, porque de certo, por mais pessoa alguma andaria 1000 leguas. Bem, agora explique-me o seu caso; já não o interrompo.

Maddison tirou da sua grande algibeira alguns papéis, que pareciam cartas, e po-los sobre a mesa.

Durante algum tempo esteve a cismar, com a testa franzida.

—A historia é muito simples, disse êle, e contudo esmaga-me o coração se os meus recios se confirmarem. Como realmente o adivinhou, eu sou de Melbourne, ou para melhor dizer, das proximidades desta cidade, onde possuo ha muitos anos uma das maiores propriedades daquela região.

«Diz-se que sou um dos proprietários mais abastados. Minha mulher morreu há já muitos anos, e só tenho uma filha, a minha Mary.

«Aqui tem o seu retrato, disse êle em voz baixa e tremula, pondo em frente do policia o retrato que tinha ainda agarrado convulsivamente na mão.

A cara encantadora duma menina, com olhos de criança, leaes e belos, era uma fisionomia com que logo se sympathisava.

Sherlock Holmes examinou o retrato atentamente.

—Esta senhora é de certo loira e tem olhos azues, disse êle; —dou-lhe 18 anos.

—Essa era a sua idade, respondeu o proprietario, quando foi tirado este retrato. De então para cá, já passaram 3 anos. Mary tinha muitos adoradores, mas nunca se decidiu por nenhum dos cavalheiros do seu conhecimento, com o que não me importei, porque não desejava perde-la tão cedo.

«Mas um belo dia appareceu um lord Douglas, que me foi apresentado por uma familia distinta de Melbourne.

«Era um bonito rapaz, que tinha corrido o mundo quasi todo, habil e ardente, numa palavra, um homem para fazer andar a cabeça á roda ás raparigas; não é para admirar que tambem dêsse volta á cabeça de Mary, que não queria casar senão com êle.

«Eu cedi aos seus desejos, porque êle tambem estava ansioso por apresentar a sua jovem mulher aos seus parentes, uma familia distinta da Inglaterra, onde tinha as suas propriedades.

O velho proprietario interrompeu a sua narrativa e suspirou como que aniquilado,

—Nos primeiros tempos do seu casamento, escreveu-me Mary as cartas mais felizes, onde apenas notei que nunca me falava dos parentes do seu marido.

«Traziam sempre o carimbo de Londres, para onde mandava sempre as minhas respostas, e mesmo para o hotel Savoy. Mas as cartas de Mary, cada vez eram mais curtas, e por fim deixei de as receber. Mandeí informá-la para o hotel, e a resposta foi que lord Douglas se tinha ido embora com sua jovem esposa, sem darem a sua nova morada.

—Ha quanto tempo foi isso? perguntou Holmes, que escutava atentamente.

—Pouco mais ou menos um ano.

—E onde são situadas as propriedades do lord?

—Parece que são na Escocia. Ali existe na verdade uma familia Douglas, mas que pretendo não conhecer esse Edward Douglas, como se chamava o meu genro.

Sherlock Holmes tirou da sua biblioteca um livro, um registo da nobreza dos três reinos unidos, e disse, depois de ter verificado o livro:

—Essa familia tem razão; não existe Lord Edward Douglas nenhum.

—Eu já estava desconfiado disso, respondeu o velho. Mary caiu nas mãos dum patife, mas a minha historia ainda não acabou. Dei á minha filha quando partiu para a Inglaterra, uma parte do seu dote, em dinheiro de contado. Era uma quantia bastante im-

portante, para as minhas condições, 10.000 libras. Nunca Mary falava de dinheiro nas suas cartas, mas, faz agora 2 mêses, depois dum grande silencio, recebi uma carta dela, que só continha algumas linhas, onde me pedia sem mais nem menos que lhe mandasse a importancia completa da herança materna.

—O que o senhor de certo não fez? interrompeu Sherlock Holmes.

—Não, respondeu o velho. Mesmo que até ahi não tivesse desconfiança alguma, á cerca da honradez do lord, a letra dessa carta fez-me supôr o peor. Que eu seja o maior patife do mundo se esta letra é de Mary. Aqui estão as cartas dela, sr. Holmes, e tambem aqui tem a ultima. Agora diga-me o senhor mesmo, se não tenho razão.

O policia aproximou-se da janela com a carta, e examinou letra por letra.

—E' sem duvida a letra de uma mulher, disse Holmes em tom decisivo; estão aqui signaes caracteristicos da escrita de sua filha, mas com certeza não foi ela que escreveu esta carta.

Com grande atenção vinha o velho ouvido essa explicação.

—Qual é então a sua opinião, perguntou êle.

—Que uma segunda mulher interveiu neste jogo, aproveitando a escrita da sua filha para modelo.

—Tambem é essa a minha opinião, sr. Holmes, exclamou o velho proprietario, e para verificar isso minuciosamente, fiz uma viagem da Australia aqui.

«Quanto deseja para se encarregar deste caso? Peça sem receio, sou rico.

—Deixe-se disso por enquanto, sr. Maddison, respondeu êle; em o caso me interessando, é isso o principal. Mas, ajuntou êle, o caso não é simples e livre de perigos, porque temos que nos haver, segundo parece, com um refinado patife.

O velho lavrador deu um murro de admiração na mesa.

—Então já tem alguma desconfiança? exclamou êle excitado.

—Não, respondeu Sherlock Holmes sorrindo-se, como esse, andam patifes de mais na Inglaterra.

«Tomou nota do nome do banco, para onde devia mandar o dinheiro?

—De certo, respondeu o australiano.

«James Blackfield, se não me engano.

—Muito bem, disse Holmes tranquilamente.

«James Blackfield é o banqueiro de todos os patifes, um pulha de primeira ordem, mas um banqueiro fiel aos seus clientes.

«Este nome, por si só, prova que sua filha caiu nas mãos dum cavalheiro de industria perigoso, porque um homem honrado, não tem negocios com o difamado Blackfield.

Maddison deu um grande suspiro,

e deixou cair a cabeça grisalha para o peito.

Minha pobre Mary, —murmurou êle com voz tremula,—chegar-te-hei ainda a vêr com vida?

—E' melhor preparar-se para o pior, disse o policia—porque teremos, sem duvida, que nos have

com um dos mais consumados criminosos. Provavelmente precisarei de dinheiro; quanto pôde pôr desde já a minha disposição?

—Duas mil libras chegam? perguntou êle olhando aflito para o policia.

—E' mais do que necessario, respondeu este, e agora parece-me que já tratamos do que era mais necessario.

—Não poderei ter algum prestimo neste caso? perguntou o proprietario. Custa-me estar aqui em Londres sem fazer nada.

—Sim, respondeu Holmes levantando-se, vae hospedar-se no hotel Savoy, onde o suposto lord morava com sua filha, e faça o possivel por saber dos empregados quaes as visitas que seu genro recebia.

—Sherlock Holmes ficou meditando no seu quarto, depois do afflicto pai o ter deixado.

—Uma historia muito difficil, murmurou êle consigo. —O patife está de certo escondido em lugar muito seguro, onde espera o feliz successo da sua carta ao velho proprietario.

O policia tinha-se levantado e andava a scismar dum lado para o outro no quarto.

Mas golpe de mestre, murmurou êle com olhos luminosos, só um golpe de mestre poderia levar isto a bom fim. Preciso ir procurar o meu velho amigo Tom. Harry, disse êle voltando-se para o seu ajudante, que tinha ficado sem fazer um movimento no vão duma janela —tenho que dar uma volta muito importante, de que não voltarei antes da noite. Até logo,

—Dá-me licença que o acompanhe? exclamou o manchoivo vivamente.

—Não, respondeu o policia em tom decisivo, —mas se até as 10 horas não estiver de volta, vae então a New Scotland Yard, pede alguns policias corajosos e vae á minha procura á «Ancora de Ouro».

Na Ancora de Ouro

—Duma taberna da mais baixa especie, que estava situada na parte norte de Londres, saía um barulho infernal. Ouviam-se os sons dum realejo, a que se misturavam os gritos, e risadas dos pares dançantes.

A «Ancora de ouro» era o refugio de todos os rufias e mulheres duvidosas daqueles sitios, e muitas vezes teatro de scenas sangrentas.

A uma mesa ao canto da grande sala, que servia agora sala de dança, estava sentado um simples trabalhador, saboreando devagarinho o seu brady, e examinando com visivel prazer o publico que dançava.

Trajava como quasi toda a gente do peor, sem collarinho nem gravata, mas essa falta não fazia má impressão como a qualquer outro homem, porque usava a barba comprida.

—Então, interrompeu uma das mulheres, vestida duma maneira muito vistosa, não queres pagar nada?

Sem esperar resposta, bebeu o copo de aguardente do homem, rindo-se.

O desconhecido mandou-lhe vir um outro copo grande de agua-arde de vinho, que ella bebeu com visivel contentamento.

—Não queres dançar comigo? perguntou ella depois de ter deitado um olhar furtivo ao porte monaie donde o desconhecido tirou o dinheiro para pagar a despeza.

—Não posso, respondeu êle, espero um amigo.

—Talvez já esteja no quarto de traz, na casa do jojo.

Só então o estranho viu uma porta de tapete, que conduzia para um outro quarto do lado.

—Pôde-se entrar ali? perguntou êle.

—Se eu o acompanhar, com certeza —foi a resposta da rapariga.

Tomou o braço dêlle, e levou-o consigo. Depois de ter batido á porta duma maneira particular, esta abriu-se, e ao entrar ali, notou o hospede uma meia duzia de homens que estavam sentados em volta duma mesa redonda, onde jogavam as cartas.

Estavam tão profundamente occupados que nenhum dêlles levantou os olhos.

Os outros que estavam a vêr jogar, e que eram pouco mais ou menos uma duzia, não fizeram tambem caso da entrada daquele homem, porque o viram acompanhado por uma rapariga conhecida.

Com attenção, examinava o hospede o jojo, em que cada um dos jogadores dava uma entrada, e aquele que tinha mais pontos ganhava.

Mas o que era estranho, é que não se via uma unica peça de dinheiro; as entradas eram compostas de joias de diversas especies; aneis, alfinetes, relógios, brilhantes, etc.

O estranho não tinha duvida que ali estava um bando de criminosos, que se roubavam reciprocamente o produto dos roubos cometidos nas ruas.

Era tambem para estranhar que só um dêlles fosse infeliz; nunca chegava a ganhar uma unica vez; tudo quanto possuia, ia passando para as algibeiras dos seus companheiros.

—Tom! gritou uma voz por detraz dêlle —deixa-me jogar em teu logar.

Todos os olhos se dirigiram para o desconhecido, que se tinha aproximado depressa. O interpellado olhou o espantado, e sacudiu a cabeça, em sinal de que não o conhecia.

Mas não teve tempo de se refazer da sua admiracão, porque se sentiu empurrado do seu logar.

Tranquilamente, o estranho juntou uma nota de 5 libras ás joias que estavam em cima da mesa.

—Agora sou eu o banqueiro —disse êle, porque era a vez de Tom.

Com ligeireza extraordinaria, baralhou as cartas, num relampago tinha-as distribuido, e quando os cinco levantaram as cartas viu-se que nenhum dêlles passava de 20 pontos; o banqueiro ganhou.

Os jojos seguiam-se rapidamente, e era sempre o banqueiro que ganhava. Furiosos, os criminosos iam desaparecer nas algibeiras do estranho os seus bens, adquiridos com perigo de vida.

Tom dançava no quarto como um doido. Dizia consigo, e com razão, que de certo uma parte do ganho seria para ele. Mas, triunfante, um dos jogadores levantou as suas cartas para o ar; ele tinha pela primeira vez 20 pontos, e já punha a mão sobre a valiosa entrada.

—Espera, gritou o desconhecido levantando-se, tu enganaste-te, patife!

—Tens na mão dois azes de copas, julgas que sou parvo como Tom Ryder?

Com movimento rápido agarrou toda a entrada e entregou-a a Tom.

Fez-se então um grande escândalo; os cinco jogadores, levantando-se, voltaram-se contra o estranho.

—Quem és tu, cão? gritou aquêle que era acusado de ter feito batota.

Dizendo estas palavras agarrou na barba do estranho, para o puxar mais para o pé d'ele.

De repente ouviu-se um grito de surpresa e pavor, saído de todas as bocas. A barba tinha ficado na mão do jogador, e appareceu a cara rapada dum homem que muitos dos presentes conheciam e temiam.

—Sherlock Holmes! ouviu-se dizer unicamente.

Durante um momento ficou tudo como que aniquilado; ninguém sabia o que havia de fazer. Os que estavam a vêr jogar fugiram pela porta fóra, enquanto os jogadores se juntavam pouco a pouco.

—Ele tem toda a pilhagem, e vai levar-nos todos para a força.

Como se tivessem todos o mesmo pensamento, atiraram-se todos excepto Tom, ao policia, que não teve tempo de tirar o revolver.

—Patife, tens de morrer! gritou o tal que lhe tinha tirado a barba. Vezes de mais já, te atravessaste no nosso caminho, entregando os melhores do nosso rancho á auctoridade.

Começou então uma luta furiosa. Em vão se defendia com força de gigante, contra os seus adversários, apesar de Tom Ryder se ter posto ao seu lado para o defender.

Pessoa alguma vinha da sala de dança em seu auxilio; todos pelo contrario estavam satisfeitos, porque o afamado policia, o seu inimigo mortal se via numa situação afflicta.

O combate tão desigual durou apenas alguns minutos. Com as mãos e os pés ligados, e uma mordada na bóca, estava Holmes deitado no chão.

—Para dentro da caixa da cinza, gritou o mais selvagem dos malvados, e para cima do carro de transporte com elle! Ali pode elle morrer como um cão, o patife.

Um calafrio percorreu o corpo do homem ligado, que comprehendeu que estava perdido. Harry Taxon não viesse a tempo em seu auxilio com os policia.

De que servia que Tom, justamente aquelle que desejava encontrar para o auxiliar neste caso de que o velho proprietario o tinha encarregado,—tomasse generosamente o seu partido e offerecesse todo o seu ganho para o salvar?

Uns punhos de ferro agarraram o policia sem de-

feza e arrastaram-no para uma porta trazeira do pateo, onde, como Sherlock Holmes bem sabia, estava uma grande caixa de cinza, como se usa em Londres, onde se podia meter um homem ao comprido.

Agarraram-no, deram-lhe um empurrão, e Sherlock Holmes estava metido dentro da caixa, cujas paredes o apertavam tanto que não podia mexer nem nm membro. Com horror sentiu, cair a pesado tampa sobre a sua horrivel prisão e collocarem-no em cima do carro de transporte que estava parado no pateo.

Os cabelos do policia puzeram-se em pé com horror por causa da sua posição: elle sabia muito bem qual era a sua sorte.

Sem duvida alguma havia entre o bando alguns cocheiros de transportes, porque os cavalos já pisavam o chão, á frente do carro.

Os ladrões tencionavam sem duvida deita-lo part um cano de esgoto situado nas barreiras de Londres. Se o carro não parasse até ás 10 horas, podia considerar-se irremediavelmente perdido.

Ancioso, escutava para vêr se ouvia as horas nalgum relógio, mas um silencio de tumulo reinava em volta d'ele.

Dentro do carro fechado e da caixa feita de folha de ferro não entrava ruido algum.

Inutilmente fazia esforços para empurrar a tampa com os pés. A unica coisa que conseguia, era abrir uma fissa na tampa da largura duma polegada, por onde entrava o ar para não o deixar morrer sufocado.

De repente sentiu primeiramente o carro rodar de vagarinho, depois continuou a andar por cima dum calçetamento desigual.

Sherlock Holmes já não tinha esperanza de salvação, porque de certo não era ainda a hora marcada a Harry.

O carro movia-se devagar, conforme a postura da policia, para os carros de carga em Londres.

Depois dalgum tempo, que lhe pareceu uma eternidade, os cavalos meteram a trote, o que era sinal de que tinham atingido as barreiras.

Por fim parou; abriu-se a porta e Sherlock Holmes foi tirado da caixa de ferro.

—Agora, tu, danado policia,—gritou um dos homens depois de ter tirado a tampa—podes despedir-te da vida! Nada te salva agora. Ah! o mais fino cão de caça, acaba nos canos de exgoto de Londres.

Já dois crueis miseraveis agarravam o fato de Sherlock Holmes para o tirar para fóra da caixa, quando se ouviu o clamôr de muitas vozes. O celebre policia ainda viu um dos seus dois adversarios cair no chão; depois perdeu os sentidos.

Quando despertou, viu que estava livre dos ferros que o prendiam, e ao mesmo tempo ouviu um grito de alegria que lhe era muito conhecido.

—Harry, meu velho, exclamou elle com voz comovida, isso é que se chama outra vez uma salvação no ultimo momento. Mas como te foi possivel chegar até aqui? A meu vêr, ainda não são 10 horas.

—Ah! sr. Holmes—respondeu o jovem ajudante

para o seu mestre—desta vez não lhe fui de todo obediente. Tive um horrível receio por si, por isso fui para Scotland Yard às 9 horas, em vez de ir às 10. Apesar de todo o meu cuidado, não podia ter feito nada para a sua salvação, porque não desconfiava do horrível perigo que o ameaçava; vimos mesmo saír o carro do patio da «Ancora de Ouro», sem desconfiar de nada, mesmo porque não se notava nada de anormal na sala de nada.

—Mas, como vieram parar aqui, apesar disso? perguntou ansioso Sherlock Holmes.

—Ali, respondeu Harry, mostrando a silhueta dum homem que estava ao fundo da scena, ali está o seu verdadeiro salvador.

—Tom! exclamou o policia surpreendido.—Tom Ryder, foste o meu salvador?

—Sim, sr. Holmes, respondeu este aproximando-se desta vez foi-me possível livra-lo do molho. Parece que agora estamos quites. Lembra-se ainda como me livron das mãos dos ladrões de cadáveres? Já iam vender o meu corpo para a mesa de autopsias.

—Mas ainda não compreendi, respondeu o policia, como chegaram tão cedo aqui.

—E' muito simples, disse Tom—quando tirei as algemas,—porque tambem me ligaram,—e que descobri que o carro de transporte tinha desaparecido do patio, saí a correr da casa, e dei de cara aqui como o seu jovem amigo, que logo reconheci. Depressa, alugou-se um automovel, em que voamos para o sitio dos despejos, ao encontro dos dois patifes, que eu conheço muito bem.

Holmes apertou vigorosamente a mão do criminoso.

—Isto é que foi um salvamento a tempo. Mas o que ha de estranho nisto é que foi justamente por sua causa que eu fui á «Ancora de Ouro», para aí me encontrar contigo.

—Com os diabos!—exclamou Tom, retirando depressa a mão.—Não terá por ventura algum recado do juiz para mim?

—Não tenha receio, respondeu o policia.—E' um negocio limpo, para que preciso do seu auxilio. Se isso tiver bom exito, recebe 100 libras.

—Cem libras! repetiu elle com olhos brilhantes. Por isso, vou-lhe buscar a corda real á tesouraria da Torre, ou o diabo ao inferno!

—Não é nada tão perigoso como isso, disse o policia. Mas continuou elle olhando em roda, onde estão os dois malvados que me queriam matar?

—Oh! respondeu Harry Taxon, esses, levaram-nos os dois policia ao automovel.

—Então, Tom, disse Holmes para os seus salvadores, podemos voltar juntos para a cidade; o movimento faz-me bem aos membros, e, além disso, terei tempo para o iniciar no caso.

—Well, sr. Holmes, estou pronto para isso; estou contente por poder entrar outra vez em relações consigo.

Os três homens dirigiram-se para a cidade, que estava iluminada pela luz electrica.

—Conhece Blackfield? disse Holmes, depois de algum tempo, a Tom Ryder.

—Quer falar do banqueiro?

—Esse mesmo; tenho grande empenho de descobrir um homem que provavelmente matou a mulher, para ficar de posse da fortuna que ela herdara da mãe, e que devia ser entregue na casa Blackfield. O homem chama-se Lord Douglas.

—Ouviu por ventura alguma vez falar neste nome?

Tom Ryder sacudiu a cabeça.

—Não, disse elle com riso bonacheiro, não temos conhecimentos tão finos; isso é trabalho dos cavalheiros de industria. Nós somos mais para os trabalhos limpos, e que dão logo lucros; não podemos esperar tanto tempo.

—Muito bem, respondeu Holmes, então não me enganei nos meus calculos. O Blackfield é a unica pessoa onde se juntam todos os fios deste crime. E agora, Tom Ryder, escute atentamente o que peço de si parece-me que se não fizer alguma tolice, pôde ganhar as 100 libras em 24 horas.

Os três homens aproximaram-se duma praça que estava iluminada ao centro por um candieiro tão claro, que parecia de dia; foi para ali justamente que se dirigiu Sherlock Holmes.

A meia voz, explicou o que desejava ao antigo gatinho.

Tom coçava pensativo detrás da orelha.

— Bem, disse elle enfim, e em tom decidido, farei isso. A casa que aluguei, com um nome suposto, está mesmo nas condições para o seu plano. E agora vou-me safar, para que nenhum dos meus amigos desconfie do nosso intimo conhecimento.

Na cadeira dos suplicios

O banqueiro Bleachfield estava no dia seguinte em pé, diante da sua secretaria, a lêr uma carta, com a testa franzida, que lhe tinha trazido um portador, que ainda se encontrava no escritório.

—Já me posso ir embora, sr. Blackfield? perguntou o rapaz, dirigindo-se para a porta.

—Espera mais um momento, respondeu o banqueiro, cuja cara magra e feições de ave de rapina demonstravam um grande descontentamento. Onde é que te entregaram esta carta? perguntou elle e examinando com desconfiança o rapaz.

—No Savoy-Hotel, respondeu o rapaz, a quem não ficava mal o uniforme que trazia.

—Sabe lá o demonio, murmurou o banqueiro, porque não veio elle proprio. Mas o famoso Lord Douglas e a sua mulher de certo não se querem expôr á luz do dia; se a coisa na verdade vai torta, sou eu o unico que fica entalado.

Que cara tinha o homem que te entregou a carta? perguntou elle.

—Ora, a cara dum criado do Savoy-Hotel, porque foi um dêles que me entregou a carta.

—Está bem, disse o banqueiro, podes-te ir embora.

—Não tem um cigarro para mim, sr. Blackfield, pediu o rapaz, com certeza entreguei-lhe uma notícia importante.

Mal humorado, tirou o banqueiro da sua cigarreira, um cigarro da especie mais barata e deu o ao rapaz.

Na esquina da rua mais proxima, ficou este parado alguns instantes, e olhou para trás para vêr se alguém o seguia, murmurando:

—Ele cá na ratoeira, tão certo como eu chamar-me Harry Taxon.

Entretanto leu Blackfield mais uma vez as poucas linhas:

—Ainda não tive resposta alguma do velho de Melbourn. Naturalmente teve alguma desconfiança.

«Venha hoje ás 6 horas da tarde a Long Street, 24, 2.º pateo, onde o espero com o nosso comum amigo, para tratarmos da importante questão,—disse êle, murmurando depois:—por muito desagradavel que seja, é necessario aceder a este convite, e é realmente uma pena se este bom negocio não tiver bom exito.

Olhou para o relógio e viu que eram já quatro e meia.

—Não tenho nem um minuto a perder, se quizer chegar á hora marcada.

Depois de ter dado algumas ordens ao seu velho guarda-livros, saiu do escritório.

Quando chegou em frente da casa indicada, na Long Street, examinou-a com desconfiança.

—O Lord podia ter escolhido um rez-do-chão mais fino, disse êle, entrando no edificio bastante velho e estragado. Antes de ter tempo de bater á porta, esta abriu-se por dentro. Parecia que se tinha observado a sua chegada, da janela.

Admirado, olhou Blackfield para todos os cantos do quarto. Via-se apenas a mobilia necessaria; o mais extranho era um *fauteuil* exquisito, que estava ao pé do fogão; com excepção duma outra cadeira, era o unico assento que havia no quarto. Havia uma grande escuridão no quarto, por causa da parede alta do predio que lhe ficava na frente.

—Assente-se, lhe disse uma voz bondosa, e um homem dos seus 50 anos, de cara larga e rapida, examinava o seu hospede, a quem indicava o *fauteuil*, tendo-se primeiramente sentado na outra unica cadeira que havia.

Hesitando, aproximou-se o banqueiro do assento que foi indicado, e cujos braços eram extraordinariamente altos. A cadeira era quasi da fórma duma caixa.

Um olhar para a cara bondoso do dono do quarto combateu os primeiros cuidados do banqueiro, que se deixou cair cautelosamente no *fauteuil*.

No mesmo instante, deu um grito de horror. Sentiu, como se de cada lado lhe puzessem em volta do pescoço um arco de ferro, que agarou com ambas as mãos, mas, em consequencia disto, o aró apertava-se cada vez mais, a ponto de quasi o asfixiar.

—Largue isso, sr. Blackfield, disse o homera com voz meiga, fazer-me-hia pena que lhe succedesse alguma desgraça aqui.

O banqueiro obedeceu involuntariamente, e logo se alargou o aró um pouco: parecia que era acionado pelo habitante do quarto, por meio dum maquinismo que functionava por debaixo do chão.

—Deixe-me, largue-me, gritou o prêso numa ancia mortal, ou então grito por socorro, e faço com que a policia caia sobre si.

O desconhecido sorria e sentou-se confortavelmente na sua cadeira.

—Quero fazer-lhe notar que cançava inutilmente os seus pulmões, porque ao lado, por cima e por baixo de nós, não mora ninguém que o possa ouvir, e mesmo que houvesse, estão habituados a varios escandalos e gritos.

—Que quer de mim, homem? gritou o banqueiro, que depois, de ter passado o primeiro momento de terror, se mostrava furioso.

—Imagine, sr. Blackfield, respondeu o estranho, que eu sou o pai de Lady Douglas, e que vim a Londres apenas para ter de si uma informação importante.

Asperas de todo o sangue frio que o banqueiro possuía, fez-se livido. O seu adversario podia muito bem ser o suposto homem.

—Oh! que Deus me castigue se eu conheço a senhora sua filha, bem como não tenho a honra de a ter como cliente. Juro-lhe isso, mas agora largue-me.

—Ah! não respondeu o suposto australiano, temos ainda uma grande explicação, e por isso, tenha paciencia. De certo pôde muito bem abreviar o tempo da nossa entrevista se quizer.

O jovem gemia alto, e agarrava involuntariamente o aró, que cada vez se apertava mais em volta do pescoço.

—Ai! gritou êle com voz sufocada, e respondendo a custo, eu morro afogado antes de poder responder.

—Espero que nos entenderemos daqui a pouco, disse o outro tranquilamente. Antes de tudo dou-lhe de conselho que me diga a verdade, a pura verdade, repetiu êle em voz mais alta.

—Tão certo como chamar-me Blackfield, exclamou o banqueiro que tinha retomado coragem, não conheço lady Douglas. Só sei que é uma senhora muito distinta e corajosa.

—Bem, respondeu o estranho, eu quero acreditar, mas vamos lá a vêr. Também não conhece lord Douglas?

—Não, exclamou Blackfield, mas no mesmo instante sentiu que o aró se apertava devagarinho em volta do pescoço.

—Deus justo, isto é a pura verdade gritou êle, que eu morra neste instante se estou mentindo.

—Senhor mentiu, respondeu este tranquilamente, porque de certo, lord Douglas já foi a sua casa para se informar se a fortuna de sua mulher já tin'ha chegado.

Blackfield apenas podia respirar; o aró tinha-se

apertado em volta do pescoço, que já se lhe fazia roxa a cara.

— Tem razão, disse êle meio afogado tinha-me esquecido, êle esteve em minha casa, mas foi uma unica vez.

— Como é a sua apparencia? perguntou o homem com voz meiga.

— Deve ter os seus 28 anos, o cabelo preto, olhos escuros e fogosos; numa palavra um bonito homem.

— E' isso mesmo. Então nunca o tinha visto antes disso?

— Nunca. Que cresça erva diante da minha porta, se digo alguma mentira.

— Muito bem, sr. Blackfield. Então foi-lhe decerto apresentado por um dos seus freguezes intimos, porque sei que não entra no negocio nenhum estranho.

O judeu calou-se; a sua cara denunciava o combate que se lhe travava no intimo. Percebia que essa pergunta era o ponto essencial de toda a entrevista, e reflectia na forma como podia evitar dizer o nome da pessoa que o tinha feito entrar em negocios com Lord Douglas.

Mas já sentia o aro apertar-se de novo; não tinha remedio senão dizer a verdade; já não tinha coragem de dizer mentiras, porque via até que ponto chegava o conhecimento do estranho.

Possufu-se duma grande furia, por vêr que era êle o unico que estava a sofrer, que estava ali tão perto da morte, enquanto os seus cumplices andavam em segurança e contentes com a vida. O negocio ainda não lhe tinha rendido nem cinco reis; para que se havia êle de deixar martirisar por mais tempo?

— Pare, pare, gritou êle, quando se sentia quasi afogado, eu vou dizer tudo. O suposto Lord Douglas foi-me apresentado pelo sr. Folkestone.

— Ah! disse o estranho, contente, veja, eu bem disse que nos haviamos de entender. Agora que lhe ouço dizer esse nome, acredito-o, mas ainda pode descrever-me um pouco mais esse sr. Folkestone.

— E' muito facil reconhece-lo. Tem uma cicatriz do lado esquerdo da cara, e além disso tem nariz de bebedor.

— E' isso, confirmou o outro, e onde se encontra actualmente o sr. Folkestone?

— Isso não lhe posso dizer, nem mesmo que me matassem neste momento, respondeu o banqueiro aflito. A unica coisa que sei é que êle mora num castelo meio arruinado; tambem me disseram o nome mas esqueci-me dêle.

Salvez Holywood? perguntou o suposto lavrador.

— E' isso mesmo, exclamou o banqueiro, o nome era Holywood!

— E agora, sr. Blackfield, não posso deixar de lhe apresentar os meus agradecimentos pelas amaveis informações que me deu. Podia ainda na situação em que se encontra, fazer-lhe tudo quanto quizesse; podia, por exemplo, obriga-lo a assinar tudo

quanto quizesse, para em tempo oportuno apresentar no seu escritorio. Mas vê bem que sou um gentleman, e que não lhe quero fazer mal.

Dou-lhe ainda por cima um bom conselho para o futuro. Vê este lindo revolver com seis balas?

Dizendo isto tirou da algibeira a arma, e apon-tou-a contra a sua vítima sem defeza.

— Tire isso, gritou Blackfield horrorisado. Deus de Abraham, se se dispara, que desgraça pode acontecer!

— Queria dizer com isto, continuou tranquillamente o velho, que cada uma das seis balas lhe iria para os miolos, se se lembrasse de contar ao patife do Folkestone ou ao suposto lord Douglas uma unica palavra da nossa conversa de hoje. Conhece-me ha bastante tempo para saber que tenho só uma palavra. Dizendo isto, arrancou a cabeleira postiça, tirou o alto colarinho, e ficou no seu natural diante do judeu.

— Tom Ryder, gritou o banqueiro saltando da cadeira.

Ele tinha sentido o aro alargar-se e retirar-se para os braços da cadeira, e, assim, todo o perigo tinha passado.

— Tom Ryder, o malvado, que já uma vez me enganou com um anel de brilhantes falsos. Meu Deus, eu rebento de furia.

Tom ria-se e disse num tom bondoso:

— Contudo foi um negocio limpo, esse do anel de brilhantes. O senhor queria-o por pouco, apesar de lhe declarar que era falso.

— Quando mo mostrou a primeira vez, a pedra era boa, e valia pelo menos 100 libras, mas quando mo vendeu no dia seguinte, a pedra era falsa, e eu fiquei sem as 100 libras.

— Então, respondeu Tom, não queria acreditar que a pedra que lhe fá vender era falsa. Se Deus quizer ainda havemos de fazer bons negocios.

Neste mesmo instante, abriu-se a porta do quarto contiguo e entrou Holmes.

— Desempenhei-me bem do meu encargo? exclamou Tom.

Em lugar de lhe responder, entregou-lhe o celebre policia uma nota de 100 libras.

— Ouvi tudo, disse êle, e ficar-lhe-hei muito agradecido se levar o caso a bom fim. Este Folkestone está sem duvida alguma, ao facto de todos os planos do suposto lord Douglas. Eu irei ferver-lhe a sopa, depois de ter falado com o infeliz pai de lady Douglas.

— Não deprecie o homem, sr. Holmes, disse êle, teria muita pena se lhe succedesse alguma desgraça com este Folkestone. Ele não recua diante de assassínio algum, e recio bem que muitas das pessoas que entraram no castelo nunca mais de lá saíram. — Não tenha cuidado, respondeu Holmes; eu tenho sempre visto triunfar a justiça e afundar-se a injustiça. Não dizia Blackfield que Folkestone tinha nariz de bebedor?

— Exactamente, confirmou Tom Ryder, êle é co-

nhecido como bêbedo inveterado, apesar de ninguém ainda o ter visto bêbedo.

Ainda lhe quero dar mais um conselho, continuou êle; para se livrar duma surpresa, Folkestone faz guardar o castelo por dois molossos enormes, que vigiam dia e noite os muros.

—Eles não me podem fazer mal algum, respondeu o policia negligentemente. Eu faço em poucos instantes amansar um cão por mais furioso que esteja.

A pouca distancia de casa, encontrou Holmes o lavrador australiano Maddisson.

—Ainda bem que o encontro, disse-lhe sorrindo, pois vejo pela sua cara irritada que tem coisas importantes para me dizer. Mas, acrescentou êle quando viu que Maddisson fazia menção de querer começar na rua a contar a sua historia, venha primeiramente comigo para casa, porque aqui não só as paredes teem ouvidos, como as ruas.

Bom, disse êle quando o velho lavrador estava sentado comodamente num grande «fauteuil», agora, conte lá.

—Primeiramente constatee, começou o velho as suas informações, que o meu genero, infelizmente tenho de chamar ainda assim a este patife, e a minha filha, na verdade moraram no Savoy Hotel; todos os criados reconheceram na fotografia que lhes mostrei, lady Douglas.

O lavrador fez uma pausa, e olhava tristemente na sua frente.

—Todas as suas outras informações, de certo não serão mais agradaveis do que essa?

—Assim é, confirmou êle suspirando. Nos primeiros tempos que moraram no hotel, reinava felicidade e união entre o jovem par, mas isso mudou de repente, quando êle recebeu a visita dum homem que tinha uma apparencia horrivel, um homem com uma cara de assassino.

—Com uma grande cicatriz na face esquerda e um nariz de bebedor? acabou Holmes.

—Sim senhor, é isso mesmo, exclamou Maddison admirado, mas como soube isso?

—Então, respondeu o policia abrindo uma garrafa de vinho que Harry lhe trouxe, tambem fui á procura de informações; soube o nome desse homem, que com todas as apparencias, desempenhou um papel misterioso no casamento de sua filha. Mas agora diga-me o resto que poudes obter.

Depois da visita desse homem, continuou o australiano, ausentava-se o lord muitas vezes de casa. Sim, deixou a mulher, muitas noites inteiras, sózinha, e houve entre ambos scenas muito violentas.

Quando saíram do hotel, deixando a direcção da sua nova morada, minha filha parece que adivinhava uma desgraça, porque disse á criada que a tinha servido durante a sua estada no hotel: Adeus; desejo-lhe a maior felicidade; de certo nunca mais me torna a ver! Isto, sr. Holmes, é tudo quanto poudes saber.

—Eu soube entretanto, além do nome, a morada

do tal homem, que parece ser o amigo mau de Lord Douglas, agora é preciso saber se encontro a chave das intrigas, mas, com isso, o senhor não tem nada. De resto já gastei 100 libras á sua conta.

—Disponha de toda a minha fortuna, respondeu, só o que lhe peço é que encontre ao certo onde está minha filha.

O palafreireiro desaparecido

Sobre a paisagem do condado de Essex incidiam os dourados raios do sol.

Verdes matas se confundiam com pequenos bosques, donde saía de vez em quando a caça sem receio. Umaz torres enormes, mas que já não tinham ameias, com muros dum metro de espessura, muito arruinados, mostravam que o forte baluarte era do tempo agitado da Idade Media.

Provido de todos os requisitos da antiga arte da guerra, com fossos, saídas secretas, pontes, etc. suportou no ano de 1649, pouco tempo antes da decapitação do rei Carlos I, um cerco dalguns meses, contra Cromwell, o chefe da revolução.

Ainda actualmente se vê uma gaiola de ferro, onde morreu um coronel de Cromwell, que tinha sido feito prisioneiro, pendurada numa das torres mais altas do castelo.

Os habitantes dos arredores falavam em segredo dumas passagens subterraneas e insondaveis, que pertenciam ao castelo, donde ninguém que lá entrasse, tornava a sair; falava-se tambem doutros horrosos mysterios que o castelo devia esconder, mas ninguém sabia essas coisas ao certo, porque o actual proprietario Folkestone, era um libertino temido por toda a gente dos arredores, por causa das suas brutalidades.

Não longe do castelo, por fóra dos muros de circumvalação, encontrava-se o jardim, onde morava numa casa solitaria, o jardineiro.

Em direcção a esta casa, vinha uma jovem a correr, vindo da cidade pela estrada real.

Tinha justamente acabado de atravessar um pequeno bosque, quando se sentiu de repente agarrada pelas costas.

Com um grito de horror, voltou-se e devisou um vadio, que devorava com olhos selvagens o seu lindo corpo.

—Socorro! socorro! gritou a jovem aflita.

Mas apenas um riso penetrante do vadio lhe respondeu.

—Aqui não vem ninguém em teu soccorro, gritou êle agarrando a duma maneira rude. Quem teria coragem de se aproximar de Hollywood?

Dizendo isto, agarrou-a com mais força, e fez um esforço para a arrastar para o bosque. Mas a victoria não lhe havia de ser facil. Ela deixando cair o cesto que levava com viveres, deu uns murros com ambas as mãos na cara do bandido.

Uma das pancádas decerto tinha sido num dos olhos, porque ela viu que elle a largava e tapava a cara, dando um grito de dôr.

— Soccorro! Soccorro! gritou ella pela segunda vez, porque ouviu de repente o barulho dum cavallo.

Num momento, este aproximou-se, e o cavaleiro voou para o sitio onde ella estava.

— Larga a rapariga, gritou uma voz imperiosa ou esmagalho-te o cráneo.

Não era já precisa essa ameaça. Soltando uma praga, tinha o vagabundo deixado a rapariga e saltava o bosque, onde em breve desapareceu.

A rapariga tinha-se sentado num recanto da estrada, exausta, enquanto o cavaleiro descia do cavallo.

— Tranquillize-se, disse elle para a linda rapariga, que olhava ainda assustada para o bosque, o malvado não se atreverá a voltar para a incomodar.

— Oh! senhor, respondeu a rapariga levantando-se e arrajando o vestido, como poderei agradecer-lhe? Sem o senhor, estava perdida.

— Bem, disse o cavaleiro rindo-se, não é a mim que deve agradecer, mas sim á Providencia que me trouxe para aqui a tempo. De resto, eu a acompanharei a casa, para não ter receio.

A rapariga levantou o cesto, e encaminhou-se para o castello.

Atentamente examinava o salvador, que levava o cavallo pela redea; o sitio, de lado nenhum se via uma casa.

— Onde irá a rapariga?

«Talvez vá para o castello Holywood?» perguntou elle examinando a pequena.

— Sim, senhor, respondeu ella.

«Na verdade não estou precisamente no castello; meu avô é jardineiro do sr. Folkestone; já se vê ali a nossa casa, no jardim do castello.

— Isso calha maravilhosamente, disse o estranho, eu queria fazer uma visita ao dono do castello, mas não sei se elle está presente, ou se está disposto a receber-me.

A pequena pareceu estremecer ligeiramente e fixou o estranho com olhos de terror, sacudindo a cabeça.

— Elle está em casa decerto, disse ella pensativa, mas o caso é que elle o receba. Primeiramente, o sr. Folkestone não quer relações com estranhos, e além disso, tem visitas no castello.

O estranho, que não era outro senão Sherlock Holmes, escutava atentamente.

— Visitas? disse elle em tom vagaroso. Julgava que seu amo era um misantropo.

— Isso é verdade respondeu a rapariga, mas parece que são velhos conhecimentos que estão actualmente no castello.

Em pouco tempo, tinha chegado a casa do velho jardineiro.

— Queria pedir-lhe para nos fazer uma visita,— disse a rapariga — para descançar da sua jornada e para que o meu avô lhe possa agradecer o ter-me salvado.

O policia reflectiu um instante, depois fez um mo-

vimento como se essa visita lhe tivesse vindo a proposito.

— Creio que não irei incomodar muito o seu avô, disse elle, amarrando o cavallo ás grades do jardim.

— Pelo contrario, elle ha-de sentir-se feliz por vêr um hospede em sua casa, coisa que ha muito tempo não succedia, sobre tudo este salvador da sua neta.

Em poucos minutos estava Sherlock Holmes sentado ao lado do velho jardineiro, enquanto Nelly, a neta, ia buscar uns refrescos. Ella estava tanto á vontade como se o hospede e elle fossem velhos conhecidos.

— Se me permitisse que dê lhe um conselho, disse o ancião, a quem Sherlock Holmes tinha dito a sua intenção de ir visitar Folkestone, não vá hoje ao castello. Podia ter uns encontros muito maus antes chegar ao portão. Não sei se já ouviu falar das singularidades do nosso amo!

De repente ouviu se um uivar prolongado ao longe.

— Oíça, disse o jardineiro ao seu hospede, aquilo são os dois cães que guardam dia e noite o castello Holywood, não deixam entrar ninguém. O crepusculo já começa, e quando mais escuro fôr mais furiosos se tornam os animaes.

— Sim, senhor, interrompeu a jovem rapariga, tambem lhe peço que não vá hoje ao castello, E' melhor passar a noite em nossa casa. A' manhã de manhã, o avô trata de fazer com que o senhor possa passar sem perigo por perto dos dois molossos. Não calcula a que perigo se expunha esta noite.

— Tenho comigo um remedio,— disse Holmes tirando uma caixa de porcelana da algibeira—com auxilio do qual sei amansar cães raivosos. Assim, os dois cães lá de cima não me farão mal nenhum, mas, apesar disso, aceito a sua hospedagem por esta noite.

Ah! exclamou elle olhando pela janela,—aqui está tambem a minha mala, que mandei vir para aqui.

Correu pela porta fóra, para a tirar ao homem, que ia directamente para o castello. Era uma mala grande e pesada. Quando voltou para o quarto, encontrou o avô e a neta numa conversa animada.

O assunto parecia ser muito sério, porque os dois faziam umas caras muito afiladas. Tanto quanto Holmes poudo perceber, tratava-se do pagamento duma quantia qualquer.

Teve então uma ideia repentina; essas duas pessoas que viviam de ano para ano na proximidade do castello Holywood, decerto estavam informadas de tudo o que acontecera ali nos ultimos anos. De certo tambem conheciam as visitas de Folkestone, e que estavam actualmente em sua casa. Provavelmente tambem conheciam os caminhos indirectos por onde era possivel entrar e sair do castello. E se lhe fosse possivel ganhar a confiança dos dois, obsequiando-os para que estes lhe dissessem tudo o que soubessem.

— Talvez lhe possa ser util com conselhos ou

obras? perguntou êle ao velho. — Parece-me que precisa de ambas as cousas.

O ancião sacudiu a cabeça aflito, e estendeu a mão ao estranho.

— Agradeço-lhe a sua boa vontade, mas não nos pode prestar auxilio.

— Ao menos diga-me o motivo da sua aflicção, disse Holmes.

Avô e a neta olharam um para outro indecisos.

— Bem, disse o jovem, vou dizer-lhe o motivo da nossa aflicção. O meu avô contraíu um empréstimo na cidade, durante a doença de meus pais, e ainda não poudo pagar. Agora está sendo oprimido pelo credor, que o ameaça com execuções judiciais, e assim perderemos de certo toda a nossa mobilia e o meu dote.

— E quanto é a soma? perguntou Holmes.

— Ah! disse Nelly, é uma grande quantia, 75 libras, e talvez com os juros 80 libras. Compreende muito bem que não podemos pagar tanto, porque o avô tem apenas um pequeno emprego, e eu não posso ganhar nada.

Sorrindo, tirou Holmes a carteira da algibeira, onde contou 80 libras.

— Tome, disse êle empurrando o dinheiro para o lado da rapariga, faça de conta que lhe safu a sorte grande.

Avô e neta, olhavam como parvos, ora para o dinheiro, ora para o generoso bemfeitor. Foi Holmes que os tirou dessa admiração.

— De resto, acrescentou êle, não lhes dou o dinheiro em vão, porque desejo um serviço em troca.

— Oh! querido senhor, exclamou o velho comovido, o que poderemos fazer para pagar um presente tão principesco? Vê muito bem que somos pobres. Peça-nos tudo o que quizer, porque tudo quanto estiver ao nosso alcance será feito. Não pode avaliar o grande peso que tirou de cima de nós.

— Veja, começou o celebre policia inclinando-se confidencialmente para o velho, vou ter amanhã umas explicações com o sr. Folkestone, por varias circumstancias, muito desagradaveis. Por isso gostava de saber de que maneira poderei manter o bom humor do castelão, para poder saír sem perigo do castelo.

— Se estivesse no caso de lhe poder dar uma boa pinga, seria então recebido por êle, porque a sua maior paixão é beber. Mas não sei onde se poderia ir agora busca-la assim de repente. Se não fosse tão tarde, dava-lhe conselho que a fosse buscar á cidade.

Sem dizer palavra, levantou-se Holmes, puxou a mala bastante pesada e abriu-a.

Uma exclamação de surpresa saíu da boca do velho jardineiro e da neta. Uma bateria completa de garrafas via-se ali.

Havia brandy, vinho do Porto, fortes vinhos de Rheno e mesmo Champagne francês.

— Mas agora diga-me, exclamou Nelly, pasmada de surpresa, como teve essa ideia?

— Oh! respondeu o celebre policia sorrindo, eu

sou um negociante de vinhos, e queria aproveitar a minha visita para apresentar ao sr. Folkestone as minhas amostras.

Acha queerei entrada em casa dêle com esta mala?

— Sem duvida alguma, exclamou o velho. Tenha muita cautela não lhe gastem todas as suas amostras nessa visita, porque o sr. Folkestone é um bêbedo tão grande, que muitas vezes fica dias inteiros sem sentidos.

Pelo rosto do policia passou um sorriso de contentamento.

— Então não me enganei comprando estes vinhos e bebidas, murmurou êle; decerto, estas farão com que alcance o meu fim. Só o que queria era estar já no castelo. Deus queira que as visitas que o dono do castelo tem em casa, não se metam no meu caminho; não poderia mesmo ser lord Danglas em pessoa e a sua mulher, que estejam hospedados no castelo?

Tirou da algibeira um retrato que o lavrador Madisson lhe tinha dado da filha.

— Veja este retrato, disse êle para Nelly, terá alguma vez visto esta senhora? Não lhe disse já que havia de precisar muitas vezes dos seus serviços?

Com olhos aterrados, olhou a jovem rapariga para o retrato, mas só um movimento depois deu um grito de grande surpresa.

Com um movimento rapido, entregou o retrato ao velho jardineiro.

— Avô! avô! exclamou ela, mas isto é a linda senhora que veio ha um ano de visita ao castelo com o seu marido e um palafreireiro. Não a reconhece?

— Oh! de certo, respondeu o velho, pararam aqui ao pé da nossa casa, para se informarem se o sr. Folkestone estava em casa. Oh, ela era tão linda, loira, enquanto que o marido e o palafreireiro eram muito trigueiros. Quem poderia esquecer-se dela?

Sherlock Holmes escutava atentamente.

— Conte-me tudo o que sabe acerca das três pessoas, disse êle para Nelly. Não imagina quanto importantes são para mim as suas informações.

— Bem, continuou a rapariga. Faz agora justamente um ano tamvem num dia lindo como hoje, encaminhavam-se três pessoas para nossa casa.

«O sujeito que vinha a cavallo ao lado dessa senhora, perguntou ao avô, como este já lhe disse, se o sr. Folkestone estava em casa.

«Era um bonito homem, que de certo se faria notar em toda a parte, se as suas feições não tivessem uma expressão horrivelmente sombria. Mas êle interessava-me menos do que a senhora; ela estava tão triste que não pude deixar de olhar para ela.

Devia ser muito infeliz, porque quando lhe ofereci uma rosa, duas lagrimas caíram de seus olhos, e apenas foi capaz de dizer uma palavra de agradecimento.

— Mas o palafreireiro interessou-me tanto como as outras duas pessoas. Descrava-me o mais minuciosamente possivel.

Isso poderia eu fazer melhor, interrompeu o velho,

porque elle pediu-me um copo de agua, que lhe dei. Era um belo homem dos seus 18 a 20 anos, de cabelo escuro e ondeado e com um pequeno buço.

— Está enganado, avô, interrompeu a rapariga; elle não tinha nenhum bigode; tambem o vi bem.

O velho reflectiu um instante.

— Não quero jura-lo, disse elle finalmente, mas eu tinha na ideia que elle tinha um pequeno buço escuro. O que sei ao certo, é que tinha uns olhos negros e penetrantes; era em suma um rapaz bonito, que podia ser perigoso para muitas raparigas.

— Quanto tempo estiveram elles no castello? perguntou Sherlock Holmes.

— No dia seguinte muito cedo partiram, e desde esse dia nunca mais os vi. O mais estranho é que voltaram duas pessoas.

— Ah! exclamou Holmes, de certo era a jovem senhora que faltava?

Admirados, olharam os dois para elle.

— Não, disse o velho, está enganado, era o pequeno palafrenero que faltava. Inutilmente quebravamos a cabeça para saber onde elle tinha ficado. No castello não está elle, porque esteve durante o ano algumas vezes no castello e perguntei por elle disfarçadamente. O velho John, o criado do sr. Folkestone tambem não o sabia, mas disse-me que o Lord o tinha mandado adiante, mais cedo.

«Contudo isso era impossível, porque eu dormi muito mal essa noite por causa do meu reumatismo, e levantei-me por isso logo ao amanhecer e fui para o jardim, donde vi e ouvi abrir as pesadas portas, que se fecham todas as noites, e logo depois saíram a grande trote o Lord e a senhora.

Sherlock Holmes ficou pensativo.

— E está certo de que era a senhora cujo retrato lhe mostrei, que saíu do castello na tal manhã?

— Na verdade, não lhe via a cara, — respondeu o velho jardineiro, mas reconheci muito bem por causa da sua figura elegante, do seu chapéu com plumas que voavam no ar e do seu azul.

«Póde ter a certeza de que o palafrenero de olhos negros ficou no castello.

Sherlock Holmes ficou outra vez pensativo.

— Sim, disse elle então, levantando-se de repente, deve ser assim. E agora, disse elle dirigindo-se a Nelly, queria pedir-lhe que me fôsse indicar o meu quarto, porque quero levantar-me amanhã muito cedo, para ir fazer a minha visita ao sr. Folkestone.

O caixeiro viajante

No dia seguinte muito cedo, vagueava Holmes pelo jardim. Encontrou Nelly, que ao que parecia, já esperava por elle.

— Antes de o acompanhar lá a cima ao castello, sr. Brown, pois era este o nome porque elle se tinha apresentado, quero ainda dar-lhe um bom conselho.

«Se se quizer dar bem com o sr. Folkestone, murmurou ella, nunca lhe fale em visitar o castello todo.

Como hontem disse que talvez ficaria alguns dias no castello, permita-me que tambem o aconselhe a não andar de noite pelo velho edificio, porque se o sr. Folkestone o souber, fica com certeza furioso.

— Parece estar muito ao facto das particularidades do castello e do seu dono, disse Sherlock Holmes, sorrindo.

— Ah! isso estou, porque nasci no castello e a minha mãe era criada da mãe do actual dono.

«Conheço todos os cantos e buracos do velho edificio, porque andei anos e anos por ali.

— E ainda lá vai actualmente muitas vezes?

— Oh, sim, para visitar o velho John, o unico criado do sr. Folkestone, que é amigo intimo de meu avô, e que tem a mesma idade que elle; Agora está tambem no castello, disse ella misteriosamente, uma lady com o seu marido! Como ali não ha criada, tenho muitos vezes de ajudar essa senhora.

— Ah! exclamou Holmes — qual é a apparencia dessa senhora?

— Oh! respondeu Nelly encantada — é uma linda mulher, e que parece ser muito energica, pois o próprio sr. Folkestone quando está na sua presença, até se torna amavel e delicado.

— Já tinha visto essa senhora alguma outra vez no castello? perguntou o policia.

— Não, nunca, respondeu a rapariga. Mas agora venha, porque lhe quero mostrar as proximidades do castello.

Elia andou um pouco mais para a frente, até chegar a uma ribeira que cercava todo o jardim e banhava os muros trazeiros do castello.

— Veja essa arvore, disse ella para Sherlock Holmes, chega com os seus ramos até metade do muro, justamente até onde umas pedras, que faltam, formam uma especie de escada. Póde chegar ali facilmente, e principalmente porque os cães não podem lá chegar.

— E o que está por detrás da parede?

— Um parque, foi a resposta, mas este muito estragado. A unica coisa notavel ali, é a estatua do velho heroi maritimo Nelson. Bom, sr. Brown, acabou ella, agora que sabe tudo o que lhe póde ser util a respeito ao sr. Folkestone, vou acompanhá-lo ao castello, mas antes disso vou pedir ao velho John que amarre os cães para estes não lhe fazerem mal.

— Isso é inutil, porque os animais não me podem fazer mal nenhum. Já estou a ouvi-los, acrescentou elle ouvindo do outro lado do jardim, um ladrar selvagem.

— Pelo amor de Deus, gritou Nelly, quando viu que o hospede atravessava o jardim e se dirigia para a pequena porta, por onde se podia chegar facilmente á fechada do castello. Não vá mais adiante, sr. Brown, porque os animais despedaçá-lo-hiam.

— Não tenha medo, disse elle para tranquilisar a rapariga, é de grande utilidade para mim, conhecer os cães antes da minha visita ao castello. A coisa, de resto, não tem perigo.

Afastou-se da rapariga, que o seguiu livida de medo.

Aos cães, dois enormes bull-dogs, tinha-lhes dado o faro do estranho, porque se precipitaram furiosos e ladraram horrivelmente á porta do jardim. Tranquilamente, como se estivesse na sua casa, na Baker Street, tirou o policia da algibeira um par de luvas de pelica, esfregou-as completamente com uma pomada branca, e depois calçou-as.

Feito isto, aproximou-se da porta, feita de ripas.

Como danados, corriam os cães dum lado para o outro, quando aperceberam pelas físgas o estranho.

Então, aproximou Sherlock Holmes devagarinho as mãos da porta, e, com grande admiração de Nelly, calaram-se os cães como por encanto. Gemendo, metiam os focinhos pelas gretas da porta, para cheirarem as luvas, que deitavam um cheiro muito exquísito.

— Abra agora a porta, murmurou o policia para a rapariga que tremia toda, faça o que lhe digo, ordenou elle, vendo que Nelly hesitava.

Devagar abriu a rapariga, tremendo, a porta.

No mesmo instante abaixou-se Holmes, e tomou uma posição, em que o queixo quasi tocava os joelhos.

A posição, extraordinaria, fez recuar um instante os cães, que depois o seguira, ganindo.

Apesar de visível repugnancia em se aproximarem d'ele, os cães iam-no seguindo, até lhe poder fazer festas.

— Bom, disse elle contente, e descálcando uma das luvas, e tirando do bolso um chouriço, — agora acabarei a sujeição.

Os esfomeados animais, a quem este estendia a mão com a luva, deitaram-se novamente á comida oferecida; tinham perdido a selvageria toda e assentavam-se diante do policia, ganindo.

Com admiração, tinha Nelly seguido essa maravilhosa scena.

— Ainda não compreendo como lhe foi possivel domesticar, em tão pouco tempo, uns animais tão selvagens.

— Oh! respondeu Holmes rindo-se, isto é um truco que aprendi com os criminosos de Londres. A pomada é simplesmente gordura de cão, que se deixa estar algum tempo em cima da carne pôdre, e a este cheiro não ha cão algum que resista. Como estes animais se deixam só guiar pelo faro, esquecem-se completamente de que é um homem que está na frente d'elles. Mas agora podemos continuar o nosso caminho.

— Agora já não preciso da minha companhia, porque não ha que temer os cães, e a sua visita já está annunciada ao sr. Folkestone pelo John, a quem eu disse esta manhã que o fizesse. Eu tenho ainda que fazer um recado muito urgente.

— Mas, o que é que a fez saír tão cedo de casa?

— Tenho que procurar uma criada para a lady que está no castelo.

— Uma criada? repetiu elle devagarinho.

— Posso poupar-lhe o caminho, disse elle depressa; — conheço uma rapariga nova em Londres, que se presta admiravelmente para o serviço dessa lady, mas isto no caso de ainda não ter escolhido.

— De maneira nenhuma, declarou Nelly. Estava mesmo atrapalhada, sem saber o que devia fazer.

— Bem, então manda este telegrama ao primeiro posto.

Tirou da algibeira uma folha de papel, e escreveu.

«Mr. Harry Tazewell»

«Londres—Baker Street».

«Preciso immediatamente criada para lady no castello Holywood. Anny deve vir immediatamente».

— Bem, disse elle entregando o papel á rapariga, ainda hoje á noite, ou amanhã pela manhã o mais tardar, pode a nova criada entrar para o seu serviço.

— Agradeço-lhe muito, sr. Brown, disse a rapariga, porque não sabia onde iria buscar assim de repente uma criada conveniente.

Pouco depois, encaminhou-se com a sua mala de amostras para o castelo, seguido dos cães; aos quais ia deitando bocados de chouriço. No portão, recebeu-o o velho criado, de quem Nelly tinha falado. Ele queria levar a mala, mas Sherlock Holmes não aceitou o oferecimento.

— Deixe lá, disse elle, é pesada de mais para si; eu mesmo a levo até junto do seu amo.

O velho fez uma cara de zangado, e entrou para o castelo sem mais fazer caso do estranho. Parecia que não era favoravel ao suposto viajante.

— O que tem contra mim? perguntou Sherlock Holmes baixinho quando se tinha aproximado d'ele.

Vejo pela sua cara que não gosta da minha visita.

Que o diabo o levasse! disse o velho a meia voz, olhando furioso para Sherlock Holmes. Se até agora não se podia suportar o nosso amo, principalmente desde que está cá lady Douglas, o que será então agora, se lhe der a cheirar estas provas de vinho? Vai haver o inferno com certeza.

Quando o velho criado ia a entrar para o quarto do seu amo, saíu dali á pressa uma senhora, passando diante de Sherlock Holmes. Era de meia estatura, cabelo ruivo e olhos muito negros, com os quais examinava atentamente o policia. Era sem dúvida a mesma lady Douglas.

Onde estava então a loira lady Douglas, a filha de velho lavrador Maddison, que tinha entrado no castelo havia um ano?

Ela não teve tempo de examinar mais, porque o velho John acabava de saír do quarto, e fez-lhe sinal com a mão para que entrasse.

Um olhar para o dono do castelo, provou-lhe que lho tinham descrito muito bem. Era um homem de meia estatura. Não se lhe percebia na cara a paixão que tinha pelas bebidas.

A linda mulher que o acabava de o deixar, não lhe tinha melhorado o seu mau humor, até pelo contrario, parecia mesmo que o tinha exitado ao ponto em que estava.

— Então, gritou elle para Sherlock Holmes, com,

voz bastante aspera, sem se levantar da mesa a que estava almoçando. Aproxime-se um pouco, seu misturador de venenos.

Sem responder palavra, tirou Holmes uma garrafa de vinho do Porto que abriu, em seguida encheu silenciosamente um copo que estava em cima da mesa.

Cuidadosamente, provou Folkestone o vinho; depois tomou um trago maior, depois bebeu todo o conteúdo do copo.

— Com mil diabos, exclamou ele encantado, se todos os seus vinhos são como a amostra, então pode fazer aqui bom negocio.

— Pode ter a certeza, respondeu o policia, que tinha enchido outra vez o copo, que será servido por mim lealmente.

De novo bebeu mr. Folkestone o copo só de um trago.

— Sabe, gritou ele, o diabo do vinho corre como azeite pela garganta abaixo. Sinto-me tão bem, como há muito tempo não me sentia.

«Tambem já era tempo que um homem com juizo me viesse visitar, porque a gente torna-se melancolico neste velho castelo.

«Tome sr. Brown, assim se chama, não é verdade, disse ele olhando para Sherlock Holmes, oferecendo-lhe um outro copo, beba tambem. Um vinho tão fino, de certo tambem muito raramente o beberá.

— A' sua saude, disse o policia levantando o copo, que, bebendo o nosso vinho, se esqueça, de todos os seus cuidados.

— Tem razão, gritou Folkestone, que cada vez estava mais alegre; vou me esquecer de todas as ideias tristes.

«O que diz o senhor das mulheres?

— Que o diabo as leve todas! gritou Sherlock Holmes. Ainda não conheci nenhuma que não escaldasse a cabeça a um homem.

— Muito bem, disse o dono da casa rindo-se. Parece-me um bom homem. Dou-lhe de conselho que não se deixe levar pelas mulheres, se não, vê-se grego com elas. Se damos o dedo minimo a uma mulher ela agarra logo a mão toda. Mas agora que se acabou de beber o seu vinho, vá á mala buscar uma outra garrafa.

«Bravo! exclamou ele depois de provar. Este vinho tambem é excelente mas...

Uma porta lateral abriu-se e por ela entrou um homem, que, visivelmente, não tinha conhecimento da presença de Sherlock Holmes.

Era um homem bastante alto, magro e de olho encovados, em cuja cara palida se podia ler aflicção e magua.

— Com os diabos, gritou Folkestone quando apercebeu o extranho. Saia daqui, com essa cara de criminoso. Estou justamente a fazer deligencia para me esquecer de si e das suas histórias parvas, e agora vem-me incomodar no meu prazer.

Com um profundo suspiro, voltou o extranho outra vez para o quarto contiguo, e fechou a porta atrás d'ele sem o menor barulho.

— Ah! se eu podesse vêr-me livre desse homem, murmurou furioso!

Atentamente, examinou o Sherlock Holmes. Conforme as descrições do banqueiro Blackfield e do jardineiro, esse extranho só podia ser lord Douglas.

— Mas mande esse homem de sua casa para fóra, aconselhou Holmes em tom negligente. Tambem a cara me faz mal aos nervos.

Folkestone deu com força um murro em cima da mesa, fazendo saltar os copos.

— Ah! disse com um sorriso mau, julga que não teria feito isso ha muito tempo se fosse tão facil? Mas este homem, com a sua furia, podia fazer-me alguma partida.

— Ele é de certo doido? perguntou Sherlock Holmes.

— Tem quasi razão, respondeu Folkestone hesitante; o melhor era se uma morte suave o livrasse em breve das suas torturas de alma.

— Vamos bebendo e fazendo votos para que isso aconteça, disse o suposto Brown, rindo-se. Muitas vezes estes piedosos desejos auxiliam verdadeiramente os doentes.

O dono do castelo examinou-o severamente de revéz, como se quizesse ler-lhe no intimo. O vinho generoso tinha-lhe transtornado a cabeça.

— Oh! só queria ter a certeza que podia ter confiança em si. Sempre lhe digo que o tal homem já me deu muitos cuidados.

Devagarinho, tirou Holmes um frascoquinho estreito, que tinha um conteúdo avermelhado.

— Julga então, disse voltando-se para mr. Folkestone, que eu tenho sempre sido viajante de vinhos? Vê este frasco? deu-mo um Radjah indiano em Kabul, para com ele me livrar dos meus inimigos. Cinco ou seis gotas são o bastante para fazer calar qualquer boca que me fôsse desagradavel com o que podesse dizer. Vê neste anel uma abertura muito fina?

«Um aperto de mão vigoroso e uma mola faz saír uma agulha que está impregnada dum veneno, e o meu adversario, apenas com uma pequena arranhadura, pode ficar calado para sempre.

Com os olhos muito abertos, pregados nos dois objectos com avidez, tinha o dono do castelo escutado o que Holmes dissera. As suas mãos tremiam de excitação.

— Posso-lhe afirmar, continuou Holmes baixinho, os indios são uns verdadeiros bruxos nessa materia. Ninguém no mundo, melhor de que eles, conhece a mistura desses venenos, e nenhum químico europeu ainda foi capaz de fazer a análise d'elles.

Folkestone deu um profundo suspiro.

— E estaria pronto, disse em tom sumido, a auxiliar-me nestas circunstancias?

— Não pense nisso, respondeu Holmes rindo-se julga então que eu me queria vêr na cozinha do diabo? Que me importam a mim os seus planos e os seus cuidados? Não tenho nada com isso, mas tambem nada me impede de lhe vender por bom dinheiro o anel e o frasco.

—Tem razão, respondeu o bêbedo, a quem o sangue tinha subido de tal forma á cabeça, que as veias das fontes estavam horrivelmente inchadas. Quanto quer, por exemplo, pelo frasco?

—Duzentas e cinquenta libras, respondeu Holmes.

—Homem! gritou Folkestone, saltando da cadeira. De certo está doido. Como é que tem coragem de pedir 250 libras por um frasco tão pequeno?

O suposto caixeiro viajante encolheu os hombros e guardou outra vez tranqüilamente o frasco.

—Nem por um chilling menos o posso vender.

—Goddam, exclamou o dono do castelo, com olhar sombrio; mesmo que quizesse aceitar por esse preço, encontro-me actualmente num pequeno embaraço de dinheiro, mas talvez em poucos dias estarei de posse duma quantia; estou á espera de uma soma importante dum parente da Austrália.

Não podia voltar daqui a alguns dias?

—Isso não pode ser, respondeu o policia sacudindo energicamente a cabeça. O castelo Hollywood é a paragem mais setentrional para mim.

—Ah! exclamou Folkestone de repente, tenho uma boa idea. Não poderia ficar uns dias meu hospede, para descansar do seu giro?

O suposto viajante de vinhos tirou a carteira de apontamentos e começou a folheá-la apressadamente.

—Preciso vêr, disse Holmes pensativo, se me posso demorar alguns dias. A idéa de descansar neste lindo sitio, tem na verdade grande atracção para mim.

Percebeu que a cara, inchada pelo vinho, do seu hospedeiro estremecia de excitação e viu que os olhos se fixavam com ansiedade nos seus.

Bem, seja, disse, aceito o seu amavel convite, e ficarei uns dias sendo seu hospede.

No quarto castanho

No dia seguinte, levantou-se Holmes com o primeiro raio de sol.

Deram-lhe um quarto numa das torres que estava melhor conservada.

Da janela, devisou um grande horizonte. Distintamente via no parque a estatua do heroi maritimo Nelson, de que Nelly lhe tinha falado.

De repente, ao lado da estrada, viu luzir um vestido branco. Os seus olhos perspicazes divisaram uma jovem que se aproximava.

—Sem dúvida, é a criada que mandei vir para lady Douglas; não há dúvida, é Anny. E' preciso que previna John para amarrar os cães.

«Bons dias, Anny, cumprimentou êle a rapariga, recebeste a tempo a meu telegrama?

—De certo senhor Brown, respondeu Anny.

—Espero que ainda não te tivesses esquecido dos engomados e frizados, Anny? disse êle sorrindo.

O velho criado tinha examinado a nova criada de perto, com olhos criticos.

—Acha, disse ela para o velho, que poderei ficar muito tempo ao serviço da minha nova patroa?

—Terá um verdadeiro prazer com ela, murmurou o velho. Diz-se que ela já matou uma criada á pancada.

—Olá, exclamou a rapariga, dando apezar do seu vestido comprido, uma cambalhota diante do velho que recuou timidamente, então serei a criada apropriada para a lady.

O velho ainda não se tinha refeito da sua admiração. Uma criada de quarto a dar cambalhotas! Uma coisa assim não tinha êle visto durante toda a sua vida. Mas quando olhou para os olhos brilhantes, e sorridentes da criada, não poudo evitar rir-se, e es-tender-lhe a mão amigavelmente.

—Se algum dia precisar dum bom conselho ou auxilio, estes daqui de cima, e indicou o castelo, então dirija-se a mim, e agora venha, vou leva-la á sua nova patroa.

Contente, Holmes esfregava as mãos.

Isto vae melhor do que julguei, disse baixinho. O velho John não é para se desprezar como aliado. Era preciso que isto fosse um jogo do diabo, para eu não poder descobrir o que foi feito da loira lady Douglas, a filha do velho lavrador.

«O meu presentimento, que nunca me enganou, diz-me que é aqui no castelo Hollywood apenas, que se encontra o misterio. Agora vou dar um giro pelo velho castelo.

Dizendo isto dirigiu-se pelo interior ao castelo, e andou sem fazer barulho algum de corredor em corredor, e por toda a parte. A sala onde estava devia estar desabitada, porque nenhuma porta estava fechada e quarto nenhum tinha moveis.

Não tinha que receiar uma surpresa, porque com certeza nem Folkestone nem os seus hospedes tinham saído ainda dos seus quartos, e além do velho John, não havia mais criados.

Assim subiu uma escada, para fazer ali tambem as suas investigações.

Aqui já era preciso mais cuidado, porque ouviu dum dos quartos uma voz feminina, provavelmente a de lady Douglas.

De repente ouviu a voz tão perto, que temia de um momento para o outro vêr apparecer essa senhora.

Sem reflectir mais, voltou Holmes para um quarto proximo.

Era tempo, porque já no mesmo instante ouviu a senhora que saiu para o corredor, dirigindo-se para o seu esconderijo.

Apenas teve tempo de fechar o ferrolho da parte de dentro.

—Esta só pelo diabo, ouviu êle dizer com voz auctoritaria a lady, para que seria que este velho burro, o John, me fechou esta porta á chave. E' o meu quarto de vestir, e eu queria mostrar-lho agora, Anny. Bem, mas para isto temos tempo mais tarde. Vae agora arranjar o meu almoço.

Quando o policia ouviu os passos afastarem-se deu um suspiro de alivio.

Teria sido fatal se lady o tivesse encontrado.

Por enquanto ele estava tranquilo, e teve de repente uma idéia.

Tão silenciosamente quando possível, abriu os grandes armários, e com mãos febris tirou vestido por vestido, mas o que ele queria não parecia estar ali. Com muito cuidado, meteu tudo outra vez nos armários. Só faltava revistar uma gaveta que estava na parte inferior dum armário.

Apezar de não ter esperança alguma de encontrar o que procurava, abriu-a.

Mas quasi lhe escapou um grito de surpresa. Ficou imóvel na posição curvada, depois tirou da gaveta meia aberta um vestuário que decerto ninguém supunha ali, na gaveta duma senhora: umas calças á cavaleira, de coiro branco, feitas para uma pessoa baixinha.

Meteu outra vez a mão na gaveta — um suspiro de contentamento saíu da sua boca, — tirou a librê dum palafreireiro. Por fim tambem encontrou o boné á jockey e uma cabeleira preta.

— Isto é o uniforme do palafreireiro, — murmurou elle, enquanto os seus olhos se iluminavam — que ha um ano acompanhou lord Douglas ao castello, e desde isso desapareceu. Sim — disse elle depois dalguns minutos de reflexão, — só assim pôde isso ser.

Cuidadosamente pôz outra vez o vestuário na gaveta, escutando algum tempo á porta, e depois saíu sem fazer barulho para o corredor. Não se via ninguém.

De novo começou a verificar os quartos, evitando cuidadosamente os logares onde ouvia vozes.

Uma das portas estava enfreada; devagarinho abriu-a para tambem entrar ali, mas no mesmo instante recuou aterrorizado. Ali, ao pé da janela, estava assentado um homem iluminado pelo sol da manhã. Tinha os cotovelos apoiados numa mesa, e parecia absorto na contemplação dum retrato.

Dando um grande suspiro, levantou elle agora a cabeça e Sherlock Holmes reconheceu as feições alteradas de lord Douglas.

— Se este homem não está mordido de remorsos, — murmurou elle recuando devagarinho — quero que me enforcuem.

«Se eu tivesse a felicidade de estar com elle 24 horas, seria coisa facil para mim tirar lhe com manha os seus segredos.

Mas de repente estalou por baixo dos seus pés uma das taboas pódres; ouviu o homem que no quarto saltou da cadeira, e correu para a porta.

Sherlock Holmes queria refugiar se num dos quartos ao lado, como dantes, mas a sorte desta vez não lhe foi favoravel. Todas as portas estavam fechadas. Num minuto tinha Lord Douglas aberto a porta toda, e saltado para o corredor.

Deu logo com o extranho, que provavelmente não reconheceu como sendo o viajante de vinho.

— O que quer aqui? gritou elle com voz trémula. O que está aqui a fazer? De resto, como veio o sr. para o castello? De certo anda á procura do quarto castanho?

— Tranquilise-se, respondeu Holmes, aproximando-se do lord, não tenho más intenções, enganei-me.

Deligencioso fazer entrar o homem para o quarto, mas este empurrou-o com força.

— Não, gritou elle com voz aguda, enquanto se lhe lia nos olhos um medo doido. O senhor está-me a perseguir; eu já percebi que anda ha semanas na minha pista. O senhor anda á procura do quarto castanho, e quer espiar os segredos do castello.

Inutilmente se cançava Sherlock Holmes em tranquilisar este homem meio doido, quando de repente se abriu uma outra porta e dali saíu a correr lady Douglas. Ela trazia um robe de chambre caro, que fazia sobressair a sua extranha beleza. O seu cabelo, dum ruivo amarelado, que ela usava tão curto que não se podia fazer trança, caía-lhe em caracóis para a testa e para os olhos, negros como carvão, e que pareciam deitar fogo.

— O que se passa aqui? disse ela, — porque gritas tu tanto, Edgard?

— O homem, disse o lord aflito, o homem que nos persegue, anda á procura do quarto castanho. Oh! meu Deus, para onde hei-de eu fugir?

— Esteja tranquillo, disse a lady num tom imperioso, agarrando com força a mão dele, não diga tantas tolices. O que pensará este senhor disto? Não é verdade? disse ela dirigindo-se a Sherlock Holmes com amavel sorriso. O senhor é o representante duma casa de vinhos que hontem fez ao sr. Folkestone as suas ofertas?

— De certo, respondeu o policia, tambem com um amavel sorriso, eu sou um simples caixeiro viajante de vinhos que estará aqui alguns dias no castello, aceitando um convite do sr. Falkestone, e que se perdeu nestes velhos aposentos.

— Bom, ouviste, disse lady voltando se para o seu marido, tu vês em toda a parte fantasmas. Desculpe o desgraçado, disse ela para o criminalista se elle lhe causou algum medo; o pobre sofre muito dos nervos e julga-se perseguido em toda a parte pela policia.

Empurrou o seu marido para dentro do quarto e fechou a porta á chave.

— O senhor de certo habita o quarto da torre, não é verdade? «Então, disse ela depois de ouvir a resposta afirmativa de Holmes, por ali fóra é o seu caminho; espero tornar a ve-lo outra vez á mesa.

— Uma mulher diabólica, murmurou Holmes, que imperio ella tem sobre o marido! E' preciso forçosamente encontrar-me com Anny para informa-la.

A' mesa, encontrou-se Sherlock Holmes com lady Douglas e Folkstone. O lord não estava presente. Enquanto a lady se mostrava muito amavel para elle, pareceu ao policia que o dono do castello o observava com olhos desconfiados; mas tambem podia enganar-se, porque Folkstone estava a saborear muito o vinho, e cada vez se tornava mais melancolico.

Anny e o velho John serviam á mesa. Anny fazia isso tão agilmente, como se nunca tivesse feito outra coisa.

Não foi possível a Holmes fazer-lhe um sinal, nem aproximar-se dela. De mais a mais, percebia que ela trazia uma coisa no peito, sinal de que lhe queria falar. Não tinha outro remédio senão esperar pela noite, para se encontrar com a criada.

Profunda escuridão reinava no castelo. Sherlock Holmes tinha saído do seu quarto, mas não tinha apagado a luz, para que ninguém desconfiasse da sua ausência. Chegado ao corredor, olhou mais uma vez para o parque, onde sobressaía a estatua, branca como um espectro, do velho Nelson.

Um relógio dava ao longe as 10 horas, e já se preparava para ir para a porta do castelo, onde ficavam situados os aposentos de lady Douglas, quando recuou de repente da janela do corredor.

Lá em baixo passava ao de leve uma creatura; devia ser uma mulher, porque Sherlock Holmes reconheceu os vestidos que voavam no ar. Transversalmente, andava ela sobre a relva, dirigiu-se para um banco, que ficava pouco mais ou menos a 10 passos da estatua de Nelson. Quem poderia ser?

Anny, de certo não, porque não conhecia as dependências do castelo. Portanto só podia ser Lady Douglas. Queria ela só tomar ar, ou esperava mais algum?

Nisto appareceu uma segunda pessoa, em que Holmes pôde reconhecer Folkestone, que se dirigiu para o banco, onde se sentou ao lado da lady.

Quanto não daria Holmes para ser testemunha da conversa que os dois estavam tendo. Sem duvida tratava-se d'elle proprio.

Se lady Douglas suspeitasse d'elle, então, com o caracter de Folkestone, já não estava segura a sua vida. Mas compreendeu que era impossível avançar até ao banco. Este estava isolado; nem arvore nem moitas havia na sua proximidade, onde se pudesse esconder.

Depressa se retirou da janela e entrou para dentro do castelo, para se encontrár com Anny.

O corredor estava tão curto, que mal podia ver uma mão na sua frente. De repente ficou parado, como pregado ao chão. Não longe divisou uma luz que vacillava dum lado para o outro, como se a trouxesse uma pessoa cam andar incerto.

Seria Anny? Mas, não; de vez em quando, acendia a sua lampada electrica para se orientar no caminho.

Escondeu-se no vão duma porta. A luz aproximava-se cada vez mais.

Então reconheceu o homem que a trazia: era lord Douglas. Como um ébrio, cambaleava dum lado para o outro, olhando sempre fixamente na frente.

O que iria elle fazer? Seria sonambulo, ou então era a sua consciencia atormentada que o fazia errar no castelo?

Pouco mais ou menos a 10 passos do logar onde Holmes estava escondido, desceu elle uma escada. Chegado a baixo voltou-se á direita, e ficou parado, depois de ter andado muito, deante duma porta de carvalho, forrada de ferro.

Sherlock Holmes tinha-o seguido ancioso e quasi

sem respirar. Grande perigo não podia elle correr porque a dez passos atraz do Lord, havia profunda escuridão.

Viu que elle tirava uma chave e abria a porta.

Com a luz que entrava reconheceu Holmes que o quarto era forrado de papel castanho escuro e com paineis de madeira tambem castanha.

—O quarto castanho, disse Holmes; o quarto de que o Lord falou esta tarde na sua febre de loucura, e que deve ter desempenhado um papel fatal na sua vida.

Sherlock Holmes tinha o pressentimento de que estava em frente da decifração ao enigma. Lord Douglas tinha fechado a porta atrás d'elle. Uma força secreta atraía Sherlock Holmes para aquella porta.

Cuidadosamente, apalpava elle a parte exterior da porta; de repente estremeceu de contentamento. Lord Douglas tinha-se esquecido de tirar a chave da fechadura.

Um momento só hesitou Holmes, depois abriu devagarinho a porta e espreitou com grande attenção durante alguns minutos, diligenciando ouvir alguma coisa. Tudo estava silencioso.

Decidido, abriu Holmes mais a porta para se certificar do que se passava no quarto mysterioso. Mas ficou como aterrado com a profunda escuridão que reinava; de lord Douglas, nem vestígios havia. Ancioso, escutava Sherlock Holmes, mas nem um som se ouvia.

—Estarei a sonhar, murmurou elle, seria tudo o que uma miragem duma fantasia febril? Não, acrescentou elle com voz decidida; estou certo que lord Douglas entrou para este quarto; mas onde estará elle? iria pelo chão abaixo, ou haverá uma escada secreta para o subterraneo do castelo? Então de certo ainda não estava fechada a entrada da escada.

Tirou a lampada electrica, sem a qual nunca saía, e deixou entrar a claridade pelo quarto, mesmo sem se importar do perigo que corria.

Este quarto, forrado com uma velha tapeçaria de couro castanho, tinha uma cama antiga para duas pessoas a um canto; antigos *fautouils*, uma grande mesa quadrada e um espelho estragado, era toda a mobilia que continha. Mas não se via abertura nenhuma no chão, nenhum lugar por onde o lord pudesse ter descido.

Para não lhe falhar a decifração do enigma, devia elle esperar uma segunda pergrinação do lord. Tinha ainda muito tempo, e mesmo que o dono da casa desconfiasse de qualquer coisa e o puzesse fóra, lá estava Anny.

Saíu portanto devagarinho pela porta e fechou-a outra vez cuidadosamente.

Com certeza esperou uma hora no corredor, depois viu lord Douglas saír do quarto com as feições horrivelmente transtornados e dirigir-se para o andar superior.

Tinha tirado a chave do quarto, e assim foi impossivel a Holmes fazer mais investigações.

—E, tempo, disse elle dirigindo-se para o seu quar-

to, de iniciar Anny neste caso, porque tenho um sentimento de que me acontecerão muitas coisas desagradáveis no castelo.

A estatua

Ainda não tinha chegado á torre onde estava situado o seu quarto, quando se dirigiu a elle, saindo duma janela, uma pessoa.

—Harry, perguntou elle, és tu?

—Vim dizer-lhe a toda a pressa uma coisa; soube pelo velho John, que lady Douglas se encontra todas as noites com sr. Folkestone num banco do parque. Parece que tem ali umas conversas misteriosas. Mas é impossível, como mo disse John, escuta-los porque o banco está tão isolado, que ninguém se poderia aproximar sem ser visto. Talvez lhe seja util saber isto.

—De certo, disse Holmes.

Depressa contou elle ao seu jovem amigo o encontro com lord Douglas, e a sua misteriosa peregrinação ao quarto castanho.

—Se algum dia deres pela minha falta aqui e se precisares de auxilio, dirige-te, á pequena Nelly, neta do jardineiro do castelo. Mas escuta — interrompeu elle, — estou a ouvir passos na escada; não é outra pessoa senão lady Douglas.

Num abrir e fechar de olhos se tinham os dois separado, para não serem surpreendidos.

Secretamente e com muito cuidado, Sherlock Holmes encaminhou-se no dia seguinte de manhã para o parque.

—Harry tem razão, — murmurou elle — é impossível escuta-los, mesmo que falem bastante alto, sim, disse, elle, olhando para a estatua do velho Nelson, se eu estivesse no teu lugar aqui, velho heroi dos mares, seria para mim coisa, facil saber os planos diplomaticos desse parzinho.

De repente teve uma ideia salvadora; bateu na estatua, que produziu um som ôco.

—Oh! murmurou elle com olhos luminosos, isto é apenas feito de zinco; de certo seria facil tira-la do seu pedestal.

Mediu a altura da estatua com os olhos, e viu que tinha pouco mais ou menos a sua altura.

—Seria então obra do diabo, se eu não pudesse descobrir o misterio do castelo Hollywood.

Só preciso arranjar gesso.

Depois de se ter certificado que a estatua estava fixa com dois parafusos muito grandes no interior do pedestal, afastou-se como um gato, arrastou-se pelos caminhos estreitos do parque ao longo do muro. Mas, — de repente ficou parado como aterrado. O que era aquilo? Não estava elle a ouvir o chorar duma criança?

Olhou para o muro, porque o som estranho parecia-lhe vir de lá de cima, mas tudo estava outra vez silencioso.

As janelas que se encontravam no muro, com um metro de espessura, eram pequenas e gradeadas.

—Não me enganei — murmurou elle. Como pôde isso ser aqui, onde lady Douglas era a unica mulher, ouvir-se uma criança?

«Esconderá este antigo castelo mais algum mistério?

Devagar de mais se passou para ele o dia. Estavam prontos todos os preparativos para se colocar no lugar da estatua, transformando-se assim num velho Nelson.

Enfim, caíu a noite. Felizmente para o celebre policia, o céu tinha-se coberto de espessas nuvens.

—A sorte é-me favoravel — disse elle — como Folkestone já fez bastantes festas ao vinho, de certo não dará com a transformação do velho Nelson.

«Tambem muito gostaria que a finioria lady se encontrasse num estado parecido.

Muito antes das 10 horas, a hora habitual da entrevista, estava Sherlock Holmes no seu perigoso posto. A sua posição não era muito agradável. O pedestal tinha na sua superficie, pouco mais ou menos pé e meio quadrado; não tinha apoio nenhum, e a esperança de estar ali umas poucas de horas, não tinha nada de atraente.

De repente ouviu dar 10 horas no relógio da torre da igreja da vila, e quasi no mesmo tempo sentiu o ranger duma porta, e logo depois o passo apressado duma mulher.

Como uma pedra estava ali o policia; nem uma pestana mexia. Viu lady Douglas assentar-se no banco. Ouvia todos os ruidos do seu vestido; o seu plano devia então ser bem succedido essa noite. E viu tambem aproximar-se do outro lado Folkestone.

Ainda não mudou a sua opinião acerca do viajante de vinhos, o suposto Brown? perguntou ela.

—Não, ouviu o policia dizer, com voz pesada, o dono do castelo — eu tenho a certeza de que elle é verdadeiramente um viajante de vinhos.

Se ele fôsse por acaso um policia, então não se tinha oferecido o tal remedio de que lhe falei.

—Ora, fez lady Douglas, isso foi apenas uma armadilha desse homem, para fazer desaparecer a sua desconfiança; eu digo-lhe, ele é um homem muito perigoso, que nos fará a todos infelizes.

—Está a ver tudo muito negro, Kitty, disse Folkestone. O que tem com isso o estranho, que o seu louco marido lhe fôsse falar do quarto castanho?

—Ah! disse ela, se tivesse seguido o meu conselho ha um ano, não teriamos motivo para ter medo.

—Sabe tão bem como eu que não foi possivel decidir lord Douglas a isso, e, para lhe dizer a verdade, repugnava-me tambem o assassínio dessa pobre mulher assim a sangue frio. Lembrou-se só do seu estado neste momento.

—O sr. não é mais do que um fraco, disse a diabolica mulher, um homem debil como este que dominei anos e anos antes de ir para a Austrália.

Oh! elle tinha casado comigo, se essa loira filha do lavrador não se tivesse atravessado no meu caminho.

—Então, disse o dono do castelo em tom amargo. Pôde estar satisfeita com o seu exito sobre o desgraçado, porque apenas, a avistou outra vez em Londres, ficou logo irremediavelmente perdido, ficou entre as suas mãos.

—Sim, disse rindo a lady, eu vi que elle se aborreceu da loira Mary, e não era para admirar ter-se lembrado dos antigos e bons tempos, e aceitou o meu plano.

—Um plano diabolico, respondeu Folkestone. Ainda me admiro da sua energia com que se distanciou em palafrenero, e seguiu a jovem para este castelo. Ninguém podia desconfiar que o elegante criado de olhos escuros era a antiga amante do lord.

—E depois a comedia no dia seguinte, disse ela, quando eu saí do castelo outra vez, com o vestido da jovem senhora. Ah! Bill, acrescentou ela, se o sr. se tivesse posto de todo ao meu lado!

—Basta, interrompeu Folkestone, não está a desgraçada com a sua criança agora, já como enterrada, naquella sitio estreito por detrás do quarto castanho? Não teve occasião de viajar, o ano passado, com o lord, sem ser incomodada, e gastar a fortuna da jovem senhora? Onde está a recompensa que me prometeu pela minha cooperação?

—Não recebeu da minha parte 1000 libras? respondeu a lady com tom severo.

—Mil libras! exclamou elle, fazendo pouco, o que são para mim mil libras? Sabemuito bem que me encontro numa situação critica. Sim, se ainda este ultimo golpe com o velho lavrador tivesse bom exito!

—Mas o dinheiro ainda pôde chegar, disse ella para o tranquilisar. Imitai tão bem a letra de Mary, que o velho não podia desconfiar.

—Mas então, interrompeu Folkestone, porque é que tem medo de ser perseguida pela policia?

—O meu marido, este homem debil, que agora se morde de remorsos depois de ter visto a criança, pregu-se o seu medo sem fundamento. O meu maior desejo agora, era acabar com todos três duma vez.

«Faça todos os possiveis por obter o mais depressa possivel o remedio do tal Brown.

«Oh! exclamou a crimiinosa mulher de repente, pareceu-me que a cabeça da estatua se mexeu.

—Já nos vamos certificar disso, respondeu o dono do castelo tirando o revolver e apontando-o á cabeça do policia.

Sherlock Holmes sentiu um suor frio percorrer-lhe o corpo.

Apezar da escuridão que havia, ponde distinguir a mão levantada do dono do castelo, empunhando o revolver, cuja boca ameaçadora estava dirigida á sua cabeça com a rapidez do raio.

Que devia elle fazer? Devia saltar ao pedestal, e salvar-se por meio da fuga?

Ali proximo, o sitio que Nelly lhe indicara, convidava a isso, porque facilmente se poderia escalar o muro.

Mas no mesmo instante lembrou-se que a desgra-

çada lady Mary ficava assim sem defeza nas mãos da sua inimiga.

Era preciso ficar no seu posto, mesmo que isso lhe custasse a vida.

Não ponde reflectir mais, porque no mesmo instante partiu o tiro, e a bala passou-lhe rente ao ouvido direito, indo cravar-se numa arvore por detraz d'elle.

—Logo vi, disse Folkestone, que a senhora niais uma vez viu fantasmas. Porque razão havia o velho Nelson de mexer a cabeça? Decerto fiz-lhe uma grande amolgadura na testa, porque ouvi distintamente bater a bala.

Lady Douglas tinha-se logo tranquilisado e despediu-se em seguida, enquanto o dono do castelo se deixou ficar mais algum tempo no banco, perdido em meditações sombrias. Finalmente levantou-se e encaminhou-se para o castelo.

Então, ponde Holmes descer do seu posto incomodo, e pôr outra vez a estatua do celebre heroi dos mares no seu logar.

Um sentimento de imenso contentamento lhe enchia o coração. A filha do velho lavrador vivia ainda e podia portanto entrega-la ao pai. Na verdade, si Kitty, que se dava em toda a parte como lady Douglas, tivesse desconfiança de que a sua conversa tinha sido escutada, a vida da loura Mary ficaria então em grande perigo.

Mas ella tinha-se tranquilisado com o tiro e não pensava de certo em nada fatal. Devagarinho e sem barulho seguiu para o castelo.

A diabolica lady tinha entretanto tambem já voltado para o seu quarto e mandou a sua suposta criada deitar-se, e depois começou outra vez a meditar na historia da estatua.

Se esse estranho, que se arrastára pelos corredores, fôsse realmente um policia, se estivesse estado em cima do pedestal e escutado a sua conversa com Folkestone! Os cabelos punham-se-lhe em pé, lembrando-se das consequencias.

Era-lhe preciso saber onde estava o estranho. Devagarinho, e com mil cuidados, para a sua criada Anny não ouvir nada, saíu do quarto.

Ainda não tinha chegado ao fim do comprido corredor, quando ouviu um pequeno barulho na escada.

No mesmo vão de porta em que Holmes tinha estado já uma vez a espreitar, pôz-se ella de cocoras. Deitou o amplo vestido por cima da cabeça, ficando assim sem nada se distinguir na escuridão.

Um homem entrou no corredor, dirigindo-se para o logar onde ella estava; ella ponde distinguir muito bem a sua figura, porque, pela janella alta, sempre entrava um pouco de luz.

E ella quasi que deu um grito de horror—uma cara branca, de pedra, sobresaia distintamente da escuridão.

—O meu presentimento, murmurou ella, quando Holmes passou pela sua frente. Estamos perdidos, disse ella entre os dentes, levantando-se, se eu não impedir ainda esta noite que este patife fale.

Como inanimada, ficou durante algum tempo; o seu

cerebro trabalhava, procurando a maneira por que podia tornar inofensivo o seu inimigo. Finalmente tomou uma resolução.

Voltou para o seu quarto, depois de se ter certificado de que a sua criada já estava no dela, e começou a vestir-se doutra maneira.

—Tenho a certeza, murmurou ella, enquanto um sorriso diabolico lhe passava pela cara, elle cairá na armadilha, e depois ficamos salvos.

No calabouço do castello

Apenas tinha o celebre policia acabado de limpar os vestigios de gesso, tratou de arranjar o seu querido cachimbo com toda a tranquillidade.

Tinha-se deitado comodamente no sofá para rever mais uma vez todos os ultimos acontecimentos, quando julgou ouvir uns gritos de socorro ao longe.

Lentamente levantou-se e escutou para fóra. Sim, não havia duvida, pela segunda vez ouviu um comprido grito de socorro. Parecia vir do andar superior do sitio onde era o quarto castanho.

Estão a assassinar lady Mary! gritou elle. Deixa-me correr em seu auxilio.

Meteu na algibeira o revolver e a lampada electrica, e correu para o corredor. Justamente ia a passar em frente do quarto da suposta Douglas, quando viu deante duma das portas uma mulher.

—Harry, disse elle, tambem ouviste o grito de socorro?

—Sim, mestre, disse o mancebo com um suspiro sufocado, parece que aconteceu alguma desgraça. Vamos ambos vêr lá abaixo.

—Não, respondeu Holmes depressa. Tu não fazes caso algum de tudo isto; vaes immediatamente, ainda esta noite, a Londres pedires ao inspector Gordon, em Scotland Yard, alguns agentes. Tambem podes trazer o velho Maddison.

—Mas o mestre está só contra três, respondeu Harry ansioso.

—Ora, disse Holmes, lord Douglas não se conta como adversario, e com o velho bêbedo Folkestone, tambem não terei muito trabalho. Agora depressa, Harry, tira o vestuario feminino e põe o teu fato habitual; depois vaes transversalmente pelo parque em direcção á arvore grande que se vê no jardim do castello, depois atravessa o jardim para chegares á estrada real; indo assim, evitarás os cães. Adeus, adeus! gritou elle; não te esqueças de Nelly, se te vires em embraços.

Ele correu, porque ouviu outra vez o grito de socorro, mais agudo ainda do que da outra vez.

Com a lampada electrica na mão, correu o policia pelos corredores e escadas. Não se tinha enganado; o grito de socorro vinha das proximidades e onde estava situado o quarto castanho. E por detraz dessa porta elle ouviu um gemer distincto.

Com um empurrão abriu a porta. Apenas tinha dado dez passos, sentiu o chão vacilar por baixo dos

pés—quiz recuar—presentia um horrivel perigo—mas foi inutil, tinha avançado depressa de mais—já não podia recuar.

De repente saiu-lhe dos labios um grito horrivel—com grande ruido, abriu-se o chão, que parecia feito de taboas muito delgadas, e caiu para o fundo.

Um riso de troça acompanhou esta queda. Ouviu ainda que era duma mulher, depois perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, sentiu-se como quebrado; não era para admirar, porque tinha caído em cima de lages. Quiz-se levantar, mas foram esforços inuteis; a cabeça doaf-lhe tão horrivelmente, que caiu outra vez no chão. Cercava-o um ar pesado, que lhe fazia a respiração custosa. Parecia que durante anos não tinha ali sido renovado o ar.

Por fim, sempre poudo levantar a cabeça, encostado á parede.

—Paciencia, murmurou elle, paciencia; eu não posso morrer aqui. Primeiramente tenho que salvar a infeliz senhora.

As suas mãos principiaram a apalpar por todos os lados, tudo em roda, sentia um muro feito de pedras.

Finalmente, levantou-se com muita difficuldade.

—Uma parede lisa e vertical, murmurou, cuja borda não posso alcançar.

Procurou a lampada. Tinha desaparecido; de certo tinha a perdido na queda.

—Eu a encontrarei outra vez, murmurou elle, mas primeiramente vou verificar minuciosamente a minha prisão.

Apalçou a parede e andou devagarinho ao longo dela. Já se começara a aborrecer e sentia-se bastante fatigado, e ainda não tinha percorrido o logar todo onde estava. Banhado em suor, ficou por fim parado.

—Agora já sei onde estou. A minha prisão é redonda; andei continuamente em roda.

Cansado, deitou-se outra vez para o chão duro; com as mãos e com os pés, procurava elle a lanterna. De repente sentiu o pé esquerdo faltar-lhe chão, devia estar suspenso sobre uma cavidade.

Cuidadosamente levantou-se Holmes, e verificou com as mãos em volta do seu leito, mas o braço afundava-se sempre na cavidade. Já tinha metade do busto debruçado na cavidade, e ainda não tinha encontrado fundo.

Neste momento ouviu por cima da sua cabeça um barulho, um raio de luz veio de cima. Horrorisado, recuou Holmes, porque no fundo dessa cavidade misteriosa, se reflectiu o raio de luz.

Era um poço fundo, sobre o qual elle estava pendurado.

—Não has-de gozar o fruto do teu crime, isso affianço-te eu, gritou elle para cima, furioso de ter tão facilmente caído na armadilha.

Um riso ironico foi a resposta, depois ouviu fechar-se a porta, e ficou outra vez mergulhado na mais profunda escuridão.

Tirou um bocadinho de cal, e deitou-o para den-

tro do poço. Poude contar até 6, antes de ouvir a queda na água.

Um arripio percorreu-lhe o corpo.

Recuou para a mais longe possível do precipício. Lembrou-se do seu fiel Harry; se ele teria passado sem obstáculos os muros do parque ou teria sido preso—morto por Folkestone, que vagueava de vez em quando de noite pelo parque.

De repente estremeceu; tinha ouvido um tiro distintamente ao longe.

Seria possível que o seu receio se tivesse realizado? Ele sabia bem que uma vida humana nada valia para o dono do castelo. Involuntariamente deu um gemido bastante alto.

Kitty correu o mais que ponde ao quarto de Folkestone. Sabia que ele ainda estava levantado a essa hora da noite, e que estava tomando a sua ultima pinga.

Como supunha, encontrou o deante duma garrafa de vinho, que parecia não ser a primeira porque estavam em cima da mesa mais algumas.

—Bill, gritou ela entrando com a respiração ofegante, corremos um grande perigo; o estranho, que se lhe apresentou como viajante de vinhos, é sem duvida alguma um policia, e que se pôz no lugar do velho Nelson, a escutar a nossa conversa esta noite.

—Outra vez a mesma tolice, disse Folkestone com a lingua presa. A senhora está sempre a vêr fantasmas; não enterrei eu ha pouco uma bala na cabeça do velho Nelson? Se realmente o estranho estivesse nesse lugar, de certo não tinha ficado imóvel.

—O sr. falhou simplesmente a pontaria, gritou Kitty, agarrando ariada o braço dele, venha e traga o seu revolver, e torne-o inofensivo. Não sate o que sucederá amanhã.

Devagar deitou Folkestone o vinho generoso pela garganta abaixo, depois disse com voz pouco segura:

—Mas onde está o patife?

—Atraí-o para o calabouço do castelo, e ali está agora preso como um rato na ratoeira.

Aterrorisado, saltou o dono do castelo da sua cadeira. Tinha uma grande aversão aquella mulher.

Cuidadosamente, abriu Kitty a porta que dava para o corredor, para se certificar se não estava lá ninguém; depois dirigiu-se outra vez para o seu antigo amante e disse-lhe:

—Pegue no seu revolver e siga-me para o calabouço. E' preciso fazer calar para sempre aquele cão de fila. Eu tenho o presentimento de que este homem é o nosso maior inimigo.

O dono do castelo, entretanto, tinha enchido outro vez o copo, que bebeu dum trago.

—Bem, mas isso será a ultima diabrura a que me conduz.

Levantou-se com grande custo da cadeira. Estava, como todas as noites, tão bebede, que mal se sustinha nas pernas. A cambalear, andou ele pelo quarto, procurando a arma no armario. Era o mesmo revolver de que se tinha servido ha pouco no parque, com mãos incertas, pegou nelle.

—Ha ainda cinco balas no revolver, disse ele abrindo-o.

Pelo amor de Deus! O senhor ainda faz alguma desgraça.

Ela quiz tirar a arma da mão do bebede, mas já era tarde de mais. Cafu no chão, e descarregou-se com grande estrondo.

Foi este o tiro que Sherlock Holmes tinha ouvido na sua prisão, quando seguia com o pensamento a fuga de Harry.

—A senhora vê? gaguejou Folkestone segurando-se á mesa para não caír. Hoje não vae; deixe isso para amanhã.

—Não, gritou Kitty furiosa—não posso esperar tanto tempo; é preciso acabar com ele!

Sem se importar com o bebede, abriu a porta e saiu a correr do quarto. Um momento ficou parada no corredor para escutar se por acaso a sua supposta criada,—que julgava estar no meu quarto,—não tivesse tido medo do tiro, mas como tudo estivesse silencioso, agarrou ainda com mais força no revolver, e aproximou-se com ar decidido da prisão onde Sherlock Holmes estava.

Este, cansado dos acontecimentos do dia, tinha-se deitado ao comprido no chão da sua prisão.

Teria dormido pouco mais ou menos uma hora, quando foi acordado por um barulho por cima da sua cabeça.

Um raio de luz atravessou outra vez pelas frestas das taboas.

Involuntariamente, desviou-se Holmes do raio de luz, e procurou a escuridão.

Isso foi a sua salvação; quasi no mesmo instante, soou um tiro, e uma bala enterrou-se justamente no lugar onde repousava ha pouco a sua cabeça.

Pelas fendas das tabuas, poude ele vêr distinctamente o corpo da criminoso; ela estava em pé em cima das tabuas, e fazia passar a luz pelas fistas das taboas para procurar. Outra vez, descobriu-o ela, de novo lhe apontou o revolver para o matar.

Sherlock Holmes conhecia muito bem a sua situação. Não havia duvida, a sua inimiga queria mata-lo infalivelmente ainda nessa noite. A sua salvação consistia em fugir o mais depressa possível do raio de luz.

Começou então uma caça doida. A mulher sanguinaria em cima, e o policia preso em baixo.

O combate cada vez se tornava mais encarniçado. Kitty tinha descoberto que podia alcançar o seu fim, se tirasse umas tabuas que cobriam o calabouço.

Depois de ter reflectido durante algum tempo qual era a mais propria para isso, pôz decidida a lanterna no chão e experimentou com toda a força tirar a tabua por onde Sherlock Holmes caíra. Não levou muito tempo, e poude tira-la. Os cabelos puzeram-se em pé do desgraçado prisioneiro; compreendia que estava irremediavelmente perdido.

Se ela se deitasse de bruços em cima da taboa, e illuminasse o calabouço, então não podia o policia já escapar-se. Justamente como ele tinha calculado,

assim aconteceu. Com a lanterna na mão, correu Kitty por cima da taboa que estava justamente a meio da prisão subterrânea. Tinha chegado exactamente ao sítio por cima do poço. Ali, deitou-se em cima da taboa e iluminou para baixo com a lanterna.

—Agora é que eu te apanhei, traidor! Agora já não me escaparás, gritou ela, enquanto se lhe lia uma satisfação diabólica nos olhos.

—Agora é-me indifferente se ouviste a minha conversa com Folkestone ou não; em dois minutos estarás pronto.

Sherlock Holmes, no seu desespero, olhou para todos os lados, para vêr se haveria algum esconderijo. Inútil—a luz da lanterna iluminava a prisão inteira.

—Acabou-se tudo, murmurou ele—Harry já me não encontra vivo amanhã, e quem sabe se elle encontrará a infeliz Mary no seu esconderijo, porque eu apenas lhe contei que os vestígios convetiram para o quarto castanho.

Viui que a falsa lady Douglas se punha de joelhos e engatilhava o revolver.

—Prepara-te, patife, gritou ela levantando a arma. Sherlock Holmes julgou que a sua ultima hora tinha chegado. Mas no mesmo instante ouviu por cima dele um estalo horrível e o grito de desespero se ouviu, caindo para baixo o revolver e a lanterna.

O que teria acontecido?

O policia levantou a lanterna ainda acesa e fez incidir a luz para cima, pois esta não se tinha partido, porque era resguardada com uma rede de arame. Ficou horrorizado, e ao mesmo tempo dando graças a Providencia por o ter salvo dessa morte certa.

A taboa sobre que tinha estado ajoelhada a sua inimiga, tinha-se partido pelo meio, pois estava pôdre pela parte de baixo. A parte de cima, ainda bem conservada, segurava-a ainda por uma das extremidades, mas estava pendurada em fórma de angulo por cima do horrivel abismo.

Com uma ancia mortal e selvagem, agarrou-se a mulher á taboa.

Gritos desesperados lhe safam da boca.

A sua posição era na verdadeiramente horrivel, não só porque a taboa estava partida ao meio como por se ter solto da outra metade, e a cada movimento da desgraçada, mais se aproximava o momento da queda.

—Salva-me, salva-me, gritou ela.

Sherlock Holmes compreendeu que já não havia salvação para a desgraçada, se a taboa sobre que ella estava se desprendesse da outra extremidade, e isso podia acontecer dum momento para o outro. Já estalava toda; Kitty iria cair no meio do poço, porque Sherlock Holmes não podia chegar á tabua para a puxar para o lado.

—Não posso salva-la, respondeu elle severamente. Despeça-se tranqulamente da vida.

Um grito selvagem e desesperado, foi a resposta.

—Não quero morrer, gritou Kitty na sua ancia mortal. Salve-me, pelo amor de Deus.

Prêso levantou a lanterna para cima para verificar mais uma vez a posição da sua inimiga.

De repente sentiu uma grande alegria.

A tabua que estava inclinada com o peso de Kitty, tinha feito cair uma outra tabua que se partira quando Sherlock Holmes foi precipitado. Estava encostado á parede da sua prisão. Na verdade não servia de nada para a salvação dele, mas podia salvar a sua inimiga, se elle a puzesse por debaixo daquelle onde ella estava agarrada, a servir de escora, evitando assim que se partisse de todo.

—Posso salva-la, se me disser lealmente a verdade, em tudo que lhe perguntar. Mas deixo-a morrer sem piedade se me disser alguma mentira.

Kitty reflectiu um instante. Sabia que se ia entregar de todo nas mãos do policia, com a sua confissão, mas a taboa estalava tão fatalmente que não lhe ficava tempo para meditar.

—Diga-me primeiramente de que maneira quer salvar-me, respondeu ella apressadamente.

Em poucas palavras lhe communicou Holmes a sua intenção.

—Bom, disse ella baixinho,—vou confessar tudo, visto que não tenho outro remedio!

O policia chegou na verdade a executar o seu plano.

Mas apenas a manhosa mulher sentia que o perigo tinha passado, tentou subir pela taboa para se safar. Mas Holmes observava-lhe todos os movimentos.

—Se a senhora só mais uma vez faz menção de se mexer da posição em que está, tiro a tabua que está por baixo, e então cai irremediavelmente para o abismo.

Kitty compreendeu que se devia entregar ao seu destino.

—Onde está escondida lady Mary?

—Por detraz do quarto castanho, respondeu Kitty.

—Mas eu estive nesse quarto, continuou Holmes, e não pude descobrir nada. Onde está a entrada do esconderijo?

—Por detraz da grande chaminé. Ali ha uma porta de tapeçaria, que fecha por meio duma miola.

—Ha quanto tempo se encontra essa desgraçada no seu tumulo?

—Ha um ano, desde que eu fui viajar com o marido dela.

—Quando esta manhã andei pelo parque, continuou o policia, pareceu-me ouvir os gêmidos duma criança. Enganei-me ou não?

—Não se enganou, disse baixinho Kitty, era o filho de Mary.

—Oh! os monstros, gritou Holmes indignado, nem mesmo o lastimoso estado de mãe, nem os gêmidos do recommendado lhes inspiraram compaixão.

—Para poder comer o miseravel dinheiro, enterraram os dois vivos. Na verdade tenho vontade de tirar a tabua de baixo de si, e deixa-la cair na abismo.

Na sua excitação, tinha-se Holmes aproximado da tabua salvadora e tinha-a agarrado furiosamente.

Kitty gritou horivelmente quando sentiu vacilar a taboa por de baixo dela.

Deixe-me viver, gritou ela cheia de desespero, senão morre também Mary com o seu filho.

Sherlock Holmes escutou atentamente.

Seria uma ameaça sem fundamento, ou a verdade?

— Por que motivo? perguntou ele ansioso.

— Porque tenho na algeibra a chave do quarto castanho, e ninguém poderia abrir a porta se a chave caísse comigo para o precipício

Reaparecido

Harry Taxon tinha chegado a Londres nessa mesma noite. Foi procurar o chefe de policia Gordon, e pô-lo ao facto da situação.

No dia seguinte muito cedo, deviam os agentes ir para o castelo Holywood.

Apenas teve Harry algumas horas de repouso.

No primeiro comboio, partiu de Londres, e uma inquietação mortal impelia-o para o lugar onde sabia que o seu mestre estava em perigo.

Ainda estava tudo numa tranquilidade absoluta, quando chegou em frente do castelo.

Entrou pelo mesmo sitio por onde saíra, isto é por cima do muro, ao pé da arvore, depois, atravessou mesmo em meias os corredores silenciosos do castelo até ao andar superior, onde estavam os quartos da lady Douglas. Cuidadosamente entrou no seu quarto; nada indicava que alguém tivesse ali entrado na sua ausencia.

Espreitou pelo buraco da fechadura do quarto da lady, e viu que a cama estava intacta. Correu logo ao quarto do seu mestre, succedendo-lho o mesmo.

Então começou a gritar como louco pelo nome de Holmes. Como não obteve resposta nenhuma, lembrou-se da recomendação que lhe tinha feito Sherlock Holmes, de que em caso de necessidade fôsse procurar Nelly.

Como um raio, partiu em busca desta, contando-lhe o succedido.

Em menos de dois minutos entravam elles pelo castelo dentro, ela á frente e dirigiram se para o quarto castanho, pois a rapariga desconfiou logo que, se alguma desgraça se passava, devia de ser no sitio do calabouço, que ella conhecia desde que nascera.

— Era bom se tivéssemos uma lanterna, para não cair no calabouço.

— Aqui tem, respondeu Harry entregando a sua lampada electrica á rapariga, carregue nessa mola.

Levantando muito alto a luz, adeantou-se Nelly cuidadosamente.

— Por amor de Deus, gritou ella, quando viu a diabolica Kitty agarrada á tábua partida, a lady, a lady!

— Agarra primeiro a minha prisioneira; liga-a bem e fecha-a á chave num quarto qualquer. Nelly te ajudará, disse, do calabouço, Holmes.

Mais morta do que viva, arrastou a mulher criminosa para cima devagarinho; isto foi para Harry um trabalho facil.

— E agora, gritou o policia, quando ouviu voltar os dois, a minha escada de corda está dentro da mala.

Poucos minutos se tinham passado, já estava Holmes ao pé do seu discipulo.

— Isto é que foi um socorro no momento preciso, disse elle estendendo ambas as mãos a Nelly; já estava proximo a succumbir. Mas ainda não posso pensar em mim; precisamos primeiro livrar lady Mary do seu tumulto.

Correu ao quarto onde Kitty estava estendida no chão e sem sentidos, e tirou-lhe da algeibra a chave do quarto castanho.

— Agora, depressa, gritou elle, antes que Folkestone e o lord nos impeçam o salvamento.

— Mas o que se passa aqui? perguntou Nelly, agarrando convulsivamente o braço do policia.

Sorrindo, indicou Holmes o corpo inerte da falsa lady Douglas.

Ali está o suposto palafreireiro, disse elle, esta mulher era a amante de lord Douglas, e os dois juntos aprisionaram a verdadeira esposa deste no castelo.

Mas eu vi no dia seguinte o par, exclamou Nelly ainda duvidando.

— Está enganada, minha filha, respondeu Holmes, não era a loira lady, mas sim a russa Kitty com os vestidos da desgraçada lady.

Ah! se eu tivessees presentido a verdade, disse Nelly consternada, de certo podia ter socorrido a infeliz porque conheço a existencia do quarto secreto, por detraz do quarto castanho. Todos três correram para o quarto misterioso.

Nelly deu um grito de horror; Não longe da enorme chaminé, onde provavelmente era a entrada para o misterioso quarto, estava de pé, vestido com um comprido vestuario de noite, lord Douglas.

De certo já tinha ouvido a voz dos libertadores no corredor. Pronto para o combate estava ele ali com um revolver na mão.

Parecia só ver Holmes, o homem que o tinha posto desde o começo em terror.

— O que quer aqui? gritou ele para o policia.

«Quer me arrastar para a prisão de Londres, quer-me extorquir o meu segredo pela tortura?

«Para traz! gritou elle quando Holmes fez menção de se aproximar d'elle.

«Mato-o como um cão raivoso se dá mais um passo. Involuntariamente tinha Holmes parado. Não se atrevia a olhar para traz. Não podia perder de vista aquelle homem furioso.

— Não me terá vivo nas suas mãos, gritou o lord. Estas balas estão destinadas para si e a ultima para mim.

Tinha o revolver apontado para Sherlock Holmes, que estava apenas a cinco passos d'elle. Parecia perdido. Mas o que se passou de repente com Douglas?

Os seus olhos abriram-se desensuradamente e ficaram fixos numa pessoa que acabava de entrar a porta.

O braço que segurava o revolver baixou-se devagarinho.

—Maddison, murmurou elle, enquanto tremia todo, Maddison repetiu elle gritando, o pai vem para me reclamar a sua filha. Não, gritou elle recuando para a janela, quando o velho entrou de todo para o quarto, não fui eu que enterrei Mary; fui apenas um juguete. Tire-se, tire-se, gritou elle, quando viu que o infeliz pai se queria precipitar sobre ele.

Com um pulo, tinha saltado para o parapetto da janela, um grito de horror saiu da boca de todos; Douglas tinha-se precipitado no abismo.

—O que dizia o louco, sr. Holmes? perguntava o velho lavrador. O que aconteceu a Mary?

«Está ainda viva ou morreu como sempre receei?

Tenho esperança que esteja viva, respondeu o policia.

—Deixe-me ir ao pé dela, gritou o velho fóra de si, preciso ver se ella ainda está viva.

—Tenha paciencia mais um pouco, disse Holmes, é melhor eu entrar primeiro para essa possível prisão.

A um sinal que lhe fez, Harry empurrou o velho para cima duma cadeira.

Em poucos instantes, tinha Holmes encontrado a mola escondida.

A porta abriu-se, e com o coração oprimido entrou elle para o misterioso quarto, fechando depressa a porta atraz de si.

Um ar pesado lhe bateu na cara, e nos primeiros momentos foi-lhe impossivel respirar. Profunda escuridão reinava, e teve primeiro que habitar a vista.

Depois distinguio, deitada sobre uma enxerga, num quarto que tinha dez passos de largo por outro tanto de comprimento, uma miseravel mulher, que o fixava com olhos cheios de terror. Já não se podia quasi chamar a criatura humana. Magra como um esqueleto, a cara coberta com o cabelo, dava a impressão duma desenterrada.

Sherlock Holmes receou que ella tivesse enlouquecido. Abaixou-se e disse-lhe com voz meiga:

—Não tenha medo; eu venho livra-la da sua horivel prisão.

—Quem é o sr.? disse a desgraçada com voz fraca enquanto os seus olhos ainda denunciavam um horivel medo.

—O meu nome de certo lady Mary nunca o ouviu pronunciar. Sou um policia de Londres que o seu pai encarregou de a vir procurar.

—Meu pai? gritou a infeliz, tentando em vão levantar-se. Oh! nunca mais o torno a ver; vou morrer em pouco.

—Não, lady Mary respondeu Holmes. Se Deus quizer, ainda ha-de viver muito tempo, se tiver para isso bastante coragem.

De repente caíram duas lagrimas pela cara magra da pobre mulher, que disse.

—Só por amor de meu filho eu quero viver. Os monstros mata-lo-hiam sem dó, se eu morresse.

Então descobriu Holmes nos braços da infeliz uma criança que tinha apenas 6 mezes e que dormia tão tranqüilamente como se estivesse num palacio.

—Mas,—continou ella enquanto os seus olhos brilhavam mais vivamente—não disse que elle estava em Londres?

—Sim, lady Mary, se eu não receiasse que a alegria lhe podia ser funesta, ainda hoje lhe trazia seu pai aqui, ao pé de si.

—Oh! respondeu ella, julga então que depois de toda esta miseria que tenho soffrido, me poderia fazer mal tornar a ver o meu pai?

«Vá buscar o meu querido pai», para eu poder acreditar de todo a minha salvação.

Sherlock Holmes safu do quarto. O velho lavrador correu ao seu encontro.

—Faça-se forte, disse-lhe apressadamente o policia. Não julgue que vai encontrar a formosa rapariga no brilho da sua juventude que ha anos safu do seu lado; lembre-se que vai encontrar uma mulher quebrada pela miseria, esfomeada, a quem faltou o ar e a luz durante um ano, e lembre se tambem que uma grande excitação podia matar a infeliz. Agora pode entrar.

A porta tinha-se fechado atraz do velho australiano. Devia ter ficado tão cego e perturbado como Sherlock Holmes ha pouco quando para ali entrára:

Depois ouviram as pessoas que tinha ficado no quarto castanho um grito penetrante.

Nelly, que tinha no entretanto trazido todas as especies de refrescos, queria precipitar-se para o quarto mas Holmes agarrou-a.

—Espere mais um bocadinho, minha menina, disse elle sorrindo, a senhora ainda não precisa de si.

Tinham passado com certeza 10 minutos quando a porta secreta se tornou a abrir.

Palido como a morte, tremendo de todos os membros, voltou o velho lavrador; deixou-se cair para uma cadeira, tapou a cara com as mãos, e desatou a chorar como uma criança.

—O que fizeram da minha pobre Mary!—exclamou elle—Malvados! Se os tivesse entre as minhas mãos, era capaz de os estrangular.

—Tranquile-se, disse-lhe o policia, a quem Harry tinha dito umas palavras baixinho—os criminosos terão o seu castigo, e não escaparão a elle. Lembre-se agora só da sua filha, que lhe foi entregue ainda viva.

—Sim, exclamou o velho levantando-se dum pulo e essa felicidade só a devo ao meu amigo. Para lhe dizer a verdade, nunca julguei tornar a encontrar a minha querida filha.

A parte comercial deste assunto, trata-la-hemos mais tarde com todo o seu descanço, respondeu Holmes, cujos olhos brilhavam de contentamento. Agora, Nelly, dirigi-se elle á jovem, vamos tirar essa desgraça da sua horivel prisão. Conquistará a gratidão do pai se, daqui em diante, tratar lady Mary, como o seu bom coração lhe inspirava.

❖ ❖ ❖ O REI DOS MARES ❖ ❖ ❖

Aventuras do Capitão Morgan

❖ ❖ ❖ O mais famoso pirata de todos os tempos ❖ ❖ ❖

PUBLICAÇÃO SEMANAL IN-8.º GRANDE COM CAPA ARTISTICA A TRÊS CORES

Não se trata duma personagem fictícia; Morgan existiu. Viven e ponderou na tradição como o pirata mais extraordinário de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são próprios, lançou mão do aventureiro e da época em que assombrou o mundo com as suas façanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe dessa raça de heróis indomáveis que se tornaram temidos com os nomes sucessivos de *Boucaneros* e *Flibusteiros*.

O autor da obra, que vamos dar a publico, compulsou todos os documentos que tratam da vida do *Rei dos Mares* recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as terríveis proezas de que saíu vitorioso. A vida dos oceanos, com todos os seus perigos e seducções misteriosas passa pelos olhos do leitor, mandando-lhe a atenção sempre dispersa pela variedade e pelo imprevisível das peripécias.

O REI DOS MARES

era como um verdadeiro príncipe, quasi como um Deus. Comandava os terríveis *Flibusteiros* que infestavam as Antilhas e tão perigosa tornava os estrangeiros a navegação pelo mar do mesmo nome. Nessas ilhas segundo reza a tradição, é que os piratas entregavam os seus tesouros, de mistura com os cadáveres dos inimigos. Dispondo a começo tão sómente dum punhado de bravos, *Morgan* tomou pela abordagem as mais poderosas náves que topou na tormentosa estrada do mar. Depois, quando os seus *Flibusteiros* se contavam por milhares, atacou os espanhões, inimigos detestados, destruiu-lhes as frotas, invadiu-lhes as possessões, tomou de assalto as cidades mais fortes e melhor defendidas entre as quais devemos citar Panamá, a perla das colonias espanholas.

Mas não vá o leitor imaginar, pelo que fica dito, que *Morgan* incarnava a personificação do mal. Não! Não é o amor pelo banditismo que o leva a abraçar a perigosa carreira de pirata. A corrupção e a licença que caracterisam a época em que viveu, aliadas á sede da liberdade, transformaram-no no que foi. A historia não registou nenhuma acção perversa, nenhum feito vergonhoso que possa empanar-lhe a honra pessoal. Pelo contrario, aquele que justamente chamaram o

REI DOS MARES mereceu tambem o cognome de PROVIDENCIA DOS DESVENTURADOS

As novelas em que relataremos as aventuras do

Capitão Morgan

serão publicadas em
numeros semanais.

CADA NUMERO CONTENDO UMA

\$80

A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA

■■■■■■■■■■: OBRA COMPLETA

centavos

DE PORTUGAL :■■■■■■■■■■

Dirigir pedidos á EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL, Rua da Era, 17 — LISBOA

Historias da Avoninha

2.^a edição revista e aumentada

COM NOVAS HISTORIAS BEM ILUSTRADAS E NO
DIFERENTE DO FORMATO DA 1.^a EDICAO

Esta obra de contos maravilhosos para as crianças
teve um sucesso tão grande, tanto no Brasil
quanto no exterior, que a nossa edição em formato maior,
com mais e novas historias para a infancia,
foi muito bem recebida. Para dar a conhecer
estas historias de contos de fadas e
contos de aventuras e de vida de povo e
de outras historias completas a obra das avoninhas
e das crianças.

Esta historia que fazem os seus leitores a conhecer
as historias de contos de fadas e
contos de aventuras e de vida de povo e
de outras historias completas a obra das avoninhas
e das crianças.

Pedidos a EMPRESA LIT. BAKIA UNIVERSAL
Rua da Eça, 17—LISBOA

HISTORIA

DO

CAVALO ENCANTADO

Conto antigo e muito interessante
de historias e aventuras de fadas

Mil e Uma Noites

1.^o volume com 100 paginas e preço de 1000 réis
2.^o volume com 100 paginas e preço de 1000 réis
3.^o volume com 100 paginas e preço de 1000 réis

EMPRESA LIT. BAKIA UNIVERSAL—R. da Eça, 17—LISBOA

Historias da Avózinha

2.^a edição, revista e aumentada

COM NOVAS HISTORIAS MUITO ILUSTRADAS, E NO
DOBRO DO FORMATO DA 1.^a EDIÇÃO

Esta obra de contos maravilhosos para as crianças, obteve um sucesso fóra do vulgar, razão porque resolvemos fazer a nova edição em formato maior, com numerosas e novas historias para a infancia. São contos cheios de fantasia, em que gigantes e pigmeus, fadas encantadas e toda a sorte de bons e maus genios, completam a alegria dos adolescentes e das crianças.

São historias que fazem rir, que alegam a existencia e divertem os corações juvenis.

1 volume com 104 paginas e perto de 100 illustrações, com linda capa a 4 côres Esc. 2\$50, pelo correio 3\$00.

Pedidos á EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL
Rua da Era, 17 — LISBOA

HISTORIA DO CAVALO ENCANTADO

Conto suggestivo e interessante repleto de illustrações, extraído das

Mil e Uma Noites

1 volume com linda capa a côres 1\$00
pelo correio, mais \$40.

A' venda em todas as livrarias e Tabacarias de Lisboa e Porto, e na

EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL — R. da Era, 17 — LISBOA

